

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

LUANA FURLAN DE MEDEIROS

Letramentos, formação docente e Saussure: um diálogo possível?

Uberlândia  
2023

LUANA FURLAN DE MEDEIROS

Letramentos, formação docente e Saussure: um diálogo possível?

Monografia apresentada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras.

Orientadora: Prof. Dra. Mirella de Oliveira Freitas

Uberlândia  
2023

LUANA FURLAN DE MEDEIROS

Letramentos, formação docente e Saussure: um diálogo possível?

Monografia apresentada ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa com Domínio de Libras.

Uberlândia, 28 de junho de 2023.

Banca Examinadora:

---

Profa. Mirella de Oliveira Freitas – Doutora (UFT/UFU)

---

Prof. Wagner Rodrigues Silva – Doutor (UFT)

---

Prof. Marcen de Oliveira Souza – Doutor (UFU)

---

Prof. Fábio Izaltino Laura – Doutor (UFU)

Dedico este trabalho à minha mãe e aos meus avós, pelo estímulo, carinho e compreensão.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à professora Mirella de Oliveira Freitas, por todo o incentivo, apoio e orientação nesta jornada acadêmica.

Aos meus familiares e amigos, pela paciência, compreensão e pelo apoio nesta importante fase da minha vida.

Ao professor Marcen de Oliveira Souza, coordenador do curso de Letras: Língua Portuguesa com domínio de Libras, da Universidade Federal de Uberlândia, pelas contribuições de sua leitura colaborativa.

Por fim, a todo o corpo docente deste curso, expresso meu reconhecimento pelos ensinamentos durante esses anos de minha formação.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe  
tudo. Todos nós sabemos alguma coisa.  
Todos nós ignoramos alguma coisa.”  
(FREIRE, 2002, p. 69)

## RESUMO

Este trabalho é uma discussão teórica a partir de perspectivas dos estudos em Linguística Aplicada (LA). Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, de natureza qualitativa, cujo objetivo geral foi realizar uma releitura do social e da língua na teoria saussuriana a partir do Curso de Linguística Geral (CLG), buscando algum diálogo com definições dos termos e com a própria relação entre eles no contexto dos estudos dos letramentos. Além disso, buscou verificar referências a Saussure em trabalhos científicos produzidos em LA, que investigassem formação docente e letramentos, talvez já indicando alguma leitura diferente das já tradicionalmente estabelecidas a partir da obra do autor. Os resultados encontrados sinalizam que a teoria saussuriana no CLG não nega o social tal qual este é compreendido nos estudos dos letramentos. Assumir isso desde o início da formação do professor de línguas, nos estudos iniciais da linguagem, pode ajudar a reduzir a distância que se vê entre a língua em uso e as abordagens nas salas de aula que tomam a língua estritamente como um sistema e, muitas vezes, até como código. Mas as releituras de Saussure ainda são incipientes, prevalecendo a referência histórica nos trabalhos em LA em que é citado, os quais lembram ainda a influência negativa desse linguista.

**Palavras-chave:** Teoria saussuriana; Curso de Linguística Geral; Linguística Aplicada; língua e social; estudos dos letramentos.

## ABSTRACT

This monograph is a theoretical discussion from the perspective of Applied Linguistics (AL). It concerns a bibliographic and documental research of qualitative nature, that the main objective was to produce a critical analysis of the social and the language that can be identified in the Saussurian Theory, according to the General Linguistic Couse (CLG), in order to find a linkage between the terms definition and their relationship within the the literacy studies. Furthermore, it sought to analyze references to Saussure in scientific works produced at LA, works that investigated teacher training and literacies, perhaps already indicating alternative reading to those already traditionally established from the author's work. The findings indicate that the Saussurian Theory prevalent in CLG does not negate the social as understood in literacy studies. Assuming this from the beginning stages of the language teacher education, in the early studies of language, may help to reduce the gap that exists between the language in use and the approaches in classroom, that understand the language as a system and, many times, often even as a code. But Saussure's re-readings are still incipient, and the historical reference prevails in the works in LA in which he is cited, which also recall the negative influence of this linguist.

**Keywords:** Saussurian Theory; General Linguistic Couse; Applied Linguistics; language and social; literacy studies.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CLG – Curso de Linguística Geral

GA – Google Acadêmico

L1 – Primeira língua ou língua materna/natural

LA – Linguística Aplicada

LP – Língua portuguesa

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>UMA PESQUISA À LUZ DA LINGUÍSTICA APLICADA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.1</b>	<b>Fundamentos da LA.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2</b>	<b>Os estudos dos letramentos em LA.....</b>	<b>16</b>
<b>3</b>	<b>ALGUNS PONTOS FUNDAMENTAIS DAS TEORIAS SAUSSURIANAS.....</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>Os entendimentos de linguagem, língua e fala a partir do CLG e outras dicotomias</b>	<b>21</b>
<b>3.1</b>	<b>A recepção das teorias de Saussure.....</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>RELEITURAS DE SAUSSURE A PARTIR DO CLG.....</b>	<b>33</b>
<b>5.1</b>	<b>A construção de um conceito de social.....</b>	<b>33</b>
<b>5.2</b>	<b>Se falamos em letramentos, a escrita em Saussure.....</b>	<b>45</b>
<b>5.3</b>	<b>Estabelecendo-se novas relações a partir das releituras do social.....</b>	<b>47</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>54</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O Curso de Linguística Geral (CLG), cuja autoria se atribuiu a Ferdinand de Saussure, teve sua primeira publicação em 1916, sendo organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye a partir de anotações dos cadernos dos alunos que participaram das aulas ministradas pelo linguista suíço. Assim, a obra consiste em um compilado das teorias professadas por Saussure, de acordo com seus discípulos<sup>1</sup>. Considerada um marco nos estudos da linguística moderna, é vista, de modo geral, como o meio de maior condensação das teorias saussurianas, destacando-se principalmente pelas dicotomias entre língua e fala, significante e significado, diacronia e sincronia, sintagma e paradigma.

Segundo essa autoria atribuída ao mestre, Saussure reconhece a linguagem como uma capacidade humana de comunicação, sendo ela “multiforme e heteróclita” (SAUSSURE, 2006, p. 17), ou seja, ela é constituída de diferentes signos e é constantemente recriada pelo homem, não podendo ser classificada em regras definidas. Também, segundo o autor, ela é, ao mesmo tempo, “física, fisiológica e psíquica” e pertence tanto ao domínio individual como ao social. É nesse enquadramento que o autor afirma que a linguagem se constitui, dentre outras dimensões, da língua e da fala.

Ao considerarmos principalmente os conceitos de língua e fala na teoria saussuriana, buscamos um diálogo com os estudos dos letramentos<sup>2</sup> situados no campo de investigação da Linguística Aplicada (LA). A partir das referências constantes no CLG, o objetivo geral deste trabalho é, primeiramente, analisar como se estabelece a relação entre a língua e o social em Saussure e, em seguida, identificar se é possível estabelecer alguma proximidade com a relação entre língua e social tal como compreendida hoje, quando se pensam as práticas de letramentos no contexto escolar da Educação Básica; além disso, discutir em que medida tal proximidade ou diálogo poderia refletir no letramento profissional do professor de língua portuguesa como língua materna (LP como L1). Por isso, também discutimos a presença ou não de Saussure em publicações acadêmico-científicas sobre letramentos e formação docente, em estudos no campo da LA desenvolvidos recentemente.

Com esse propósito, lançamos as seguintes perguntas que orientaram esta pesquisa:

---

<sup>1</sup> Não é nosso interesse, neste trabalho, adentrarmos às questões relativas à polêmica autoria do CLG. Marcos Bagno, por exemplo, dedica-se ao tema na mais recente versão traduzida da obra, publicada pela Parábola, da qual ele é responsável por tradução, notas e um denso e crítico posfácio, em que discute, inclusive, a originalidade das ideias atribuídas a Saussure (SAUSSURE, 2021).

<sup>2</sup> Não trazemos a discussão acerca da diferença entre letramento (singular) e letramentos (plural). Assumimos neste trabalho que sejam termos intercambiáveis, porém reconhecendo que os letramentos são muitos, assim como os espaços e os propósitos sociais de usos da língua escrita ou por ela mediados, com particularidades linguísticas, textuais e discursivas.

- 1) O que é o social no CLG e como está relacionado com a língua no contexto da obra?
- 2) É possível estabelecer alguma correspondência ou conexão entre essas perspectivas e o modo como se compreende língua e social no contexto dos letramentos?
- 3) Havendo alguma proximidade possível, ela é retomada nos trabalhos em LA dedicados aos estudos dos letramentos e em interface com a formação docente, de modo que aqueles façam referências a Saussure com tal propósito?
- 4) Uma releitura dos conceitos saussurianos de língua e social poderia contribuir para a formação docente mais certa da importância de práticas de letramentos sociais no ensino-aprendizagem de LP? Como?

Partimos da hipótese de que perspectivas mais “reformadoras” a respeito das teorias saussurianas ainda não tenham ganhado tanto espaço nos estudos científicos. Dessa forma, os conceitos de língua e social e a própria relação entre esses elementos no CLG acabam sendo grandemente criticados por se afastarem do modo como são compreendidos nas diversas áreas da Linguística que foram se estabelecendo desde então. Isso porque se aceitou por longa data (e ainda se aceita, de modo geral) que as teorias do autor ignoram os usos sociais da língua, como se esta *devesse* — e não tão somente “pudesse” — ser examinada à parte de seus propósitos, apenas como um sistema pronto e acabado, homogêneo e estável. Segundo leituras realizadas do autor, em Saussure, sistema remete a um conjunto de unidades que se relacionam funcionando como um organismo autônomo, conforme regras estabelecidas dentro do próprio sistema<sup>3</sup> (FREITAS; MARRA, 2021).

Alguns autores, como Marcuschi (2016), acreditam, ainda, que essas concepções mais amplamente conhecidas acerca das teorias saussurianas<sup>4</sup> tiveram (e talvez ainda tenham) sua contribuição para que se mantivesse uma perspectiva de ensino-aprendizagem de língua focalizada em unidades menores (em palavras e sílabas, por exemplo) e em práticas de linguagem artificiais; uma prática com metodologia centrada em exercícios mecânicos e

---

<sup>3</sup> Pensar a língua como um sistema não necessariamente configura abordagem descontextualizada, o que se deve ter em mente ao longo de todo este trabalho. Entretanto, parece-nos que a autonomia atribuída a esse sistema em Saussure, regido [suposta e estritamente] por leis internas, é que motiva uma compreensão de língua como sendo descontextualizada. Nesse sentido, importante lembrar também que, nos diferentes campos de estudo, mesmo nas ramificações da Linguística, o termo “sistema” assume significados diferentes. No funcionalismo, por exemplo, Michael Halliday propõe uma análise sociofuncional da linguagem (FREITAS; MARRA, 2021), concebendo a língua como sistema semiótico, condicionado pela relação do sujeito com a língua, mas também com o mundo e com o outro.

<sup>4</sup> Ao longo deste texto, essas concepções que aqui chamamos “amplamente conhecidas” também são referenciadas como sendo já “estabelecidas” e/ou “tradicionais”.

repetitivos, bem como na “decoreba” (cf. GERALDI, 2011; MARCUSCHI, 2016). Essas são formas de abordagem que deixam à parte os usos sociais mais amplos da língua, focalizando-a como, de fato, um sistema e, por vezes, um código. A relação com o social é recuperada e defendida nos estudos dos letramentos, além de ser reencontrada também em outras áreas de investigação dentro da própria Linguística.

Entretanto, a despeito dessas compreensões, no campo dos estudos científicos, é natural que as teorias passem por releituras, que sejam novamente investigadas sob outros olhares e perspectivas. É assim que temos avançado ao longo do tempo, desde o primeiro reconhecimento de uma ciência da linguagem.

Nessa perspectiva, reconhecemos a relevância de se reler Saussure, aquele que, segundo consolidado historicamente, delimitou um objeto de pesquisa para a Linguística, contribuindo para que ela se estabelecesse como ciência. Mas, uma vez estabelecida, ela também se desenvolveu ao longo da história. Havendo avanço teórico, é natural também que haja reformulação do objeto de investigação, já que as próprias teorias, os novos conhecimentos e saberes é que nos impedem de olhar para esse objeto sempre do mesmo modo. Aliás, o próprio Saussure afirma ser o ponto de vista que faz o objeto. Assim, conforme discutiremos neste trabalho, procuramos deixar mais fluida a separação, por vezes, rígida ou estanque, entre língua e fala, bem como a possibilidade em Saussure de uma abordagem que perpassasse pelas práticas sociais.

O tema a que nos dedicamos foi organizado em 6 capítulos, sendo dois deles esta introdução e as considerações finais. O segundo, intitulado “Uma pesquisa à luz da Linguística Aplicada”, trata do percurso e da importância da LA, focalizando nela o campo de estudos dos letramentos. Ao pensarmos a relação entre a língua e o social, nós o fazemos a partir da perspectiva dessas áreas. No terceiro capítulo, “Alguns pontos fundamentais das teorias saussurianas”, discorreremos sobre as dicotomias que se destacam na leitura do CLG, as quais orientam outros enfoques da obra. Também apresentamos discussões que evidenciam como as teorias saussurianas foram compreendidas por outros linguistas e pesquisadores adeptos de uma outra perspectiva social de língua, marcada por questões históricas, culturais e políticas. Por sua vez, no quarto capítulo, “Procedimentos metodológicos”, discorreremos sobre os processos realizados nessa pesquisa e as orientações metodológicas que assumimos, de acordo com o que exigiram de nós as discussões que pretendíamos. Já o quinto capítulo consiste nas análises propriamente, em que propomos e apresentamos “Releituras de Saussure a partir do CLG”, centradas no que compreendemos como uma visão social do saussurianismo na referida obra. Partimos de aspectos constantes nela mesma e nos fundamentamos também em

pesquisadores que têm se dedicado aos estudos de Saussure atualmente, mas, em certa medida, sob perspectivas distintas das já estabelecidas.

## 2 UMA PESQUISA À LUZ DA LINGUÍSTICA APLICADA

Ao propormos uma discussão a partir do campo de estudos da LA, é importante primeiro que tenhamos clareza quanto ao que seja esta área e quais são seus interesses, para que seja possível entrelaçá-la com os estudos do letramento (ou letramentos) e as questões que dizem respeito à relação língua e social em Saussure. Esse percurso se justifica também porque se trata de uma área de investigação vista por longo tempo como uma tentativa de se aplicar, de maneira prática, os conceitos da linguística teórica no ensino de línguas (CAVALCANTI, 1986). E não é incomum que ainda seja vista dessa forma.

### 2.1 Fundamentos da LA

Conforme discute Moita Lopes (2006), a LA teve o que podemos denominar “três grandes viradas”, sendo a primeira com o trabalho de Widdowson, no final dos anos 1990, mostrando a diferenciação da LA do que poderia ser reconhecido como aplicação de linguística teórica. O autor relata que Widdowson apresentou a necessidade da criação de uma teoria linguística para a LA que não partisse de uma teoria linguística já criada. A discussão trazida por Widdowson é importante e tida como uma grande virada na área, pois, a partir dessa concepção, o campo abriu espaço para teorias de outras áreas do conhecimento, como a Psicologia e a Sociologia.

Como segunda virada da LA, temos o abandono do enfoque único no ensino/aprendizagem apenas de línguas estrangeiras, tornando-se campo de estudo também o ensino de língua materna (L1), com grandes influências das linhas de pensamento de Vygotsky e Bakhtin, no que diz respeito ao interacionismo sociodiscursivo. Este, como destacam Magalhães e Cristóvão (2018), dialoga com os estudos dos letramentos, tendo em vista a perspectiva de ser humano que se constitui na relação “sujeito-meio”; ou seja, um indivíduo que é social, cultural, político e histórico e cujas ações de linguagem sempre se materializam em textos. Quanto a estes, vale lembrar que, para a escola, importam, principalmente, os textos escritos.

Como terceira e mais recente virada, temos o campo da LA como área indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), uma vez que busca subsídios teóricos em diversas áreas de investigação, não somente na Linguística ou em seu próprio quadro teórico. Independentemente de qual área seja, são as questões de linguagem investigadas que irão definir as teorias relevantes e pertinentes. Dessa forma, por exemplo, ainda como apresentado

por Moita Lopes (2006), temos que outras áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, contribuem com os estudos da linguagem, trabalhando temas como feminismo, racismo, questões pós-coloniais e de natureza de gênero, temas estes que se conectam também com a linguagem.

Como nos apresenta Cavalcanti (1986), a LA consagra-se, portanto, como um campo de estudos que se interessa pela língua(gem)<sup>5</sup> em uso no meio social, independentemente de área específica — embora, ao buscarmos divisar o que se tem feito em LA nos últimos anos, Rocha e Daher (2015) mostram que, tradicionalmente, um grande número de investigações tem focado com prioridade o ensino-aprendizagem de línguas. Tanto interessa à LA, por exemplo, a interação professor-aluno, a compreensão de leitura e outras problemáticas que são geradas pela vivência em sala de aula, como também a relação assimétrica médico/dentista-paciente mediada pela língua(gem) (CAVALCANTI, 1986).

Nessa perspectiva, os estudos dos letramentos — ou seja, das práticas sociais de linguagem mediadas pela escrita — têm se assentado também na LA, o que os define claramente como passíveis de uma abordagem interdisciplinar, tanto pela própria Linguística, como pela Educação, pela Psicologia etc. Tal abordagem terá relação com os usos reais da língua para fins diversos: ensino-aprendizagem (letramento escolar, letramento do professor, por exemplo), pesquisa científica (letramento acadêmico, letramento científico), produções de textos mediadas pela tecnologia digital (letramentos digitais, multiletramentos) e assim por diante. Além disso, considerar os letramentos implica ir além da materialidade do texto: alcança a prática social, da qual a língua(gem) é parte, assim como os problemas sociais.

Dentre as possibilidades, interessa-nos os estudos dos letramentos associados à formação do professor de LP e, por consequência, do aluno da educação básica, buscando-se um diálogo entre os conceitos e a abordagem da língua e do social na LA (pelos estudos dos letramentos) e no CLG (associado à Linguística teórica). Nesse propósito, concordamos com os estudos recentes que defendem um ensino-aprendizagem da língua contextualizado, mais

---

<sup>5</sup> O termo “língua(gem)” é comumente utilizado por alguns autores do campo dos estudos aplicados. Por exemplo, faz parte do título de um livro organizado pela professora e pesquisadora Inês Signorini, “Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado” (Mercado de Letras, 2001). Para melhor esclarecermos a opção pelo termo no caso deste trabalho, consideramos os escritos de Cavalcanti (1986, p. 6, com destaques adicionados). Segundo a autora, a LA se interessa pela “realização comunicativa da *língua* natural”; mas, noutro trecho do mesmo texto, Cavalcanti (1986) afirma que o percurso de pesquisa em LA parte da “identificação de questão de uso da *linguagem*” (p. 6). Assim, o termo comporta as duas referências, pontos de interesse da LA: o fenômeno comunicativo e seu componente principal. Embora não seja o foco desta nota, tal esclarecimento parece nos exigir outro: no caso deste trabalho, a “questão de uso da linguagem” está no embate que ainda divisamos quanto ao ensino de língua portuguesa como língua materna, quando pensamos as perspectivas mais tradicionais (que podem ser justificadas a partir também das teorias saussurianas, segundo alguns autores e conforme apresentamos mais à frente) e os estudos mais recentes a respeito do tema.

associado à vida e de perspectiva crítica, especialmente quando se trata da língua escrita. Por isso, o nosso interesse em pensar se seriam possíveis diálogos com as teorias saussurianas, de modo a divisar, desde os primórdios da Linguística, alguma evidência que sinalizasse para uma proposta pedagógica com esse direcionamento.

Pensando essas questões, consideramos que este trabalho se trate de *uma exposição em LA*, área que assumimos como nosso lugar de fala. O estudo realizado, embora esteja fundamentado em análise documental e bibliográfica, é motivado por um problema que parte de e que retorna a contextos reais de uso da linguagem: os enfrentamentos identificados ainda hoje nos processos de ensino-aprendizagem de LP como L1 (ANTUNES, 2003; 2007) e que, para alguns autores (como MARCUSCHI, 2016), parecem estar associados aos fundamentos da Linguística.

Talvez antecipando algumas resistências a respeito dessa filiação a que associamos este trabalho, não é incomum que se espere que uma pesquisa em LA dedicada ao ensino de línguas e à formação docente seja realizada efetivamente no cenário de uma sala de aula, ou que trabalhe com alunos e professores diretamente. Esse é um pressuposto equivocado, relacionado à ideia de LA como aplicação de teorias linguísticas. A pesquisa que realizamos busca, de fato, responder a demandas reais e situadas, embora o faça a partir de evidências e compreensões do social nos estudos da linguagem desde os primórdios da instituição da língua como objeto de estudo da Linguística.

## 2.2 Os estudos dos letramentos em LA

Uma vez que nossa discussão também tem como base teórica os estudos dos letramentos, é importante esclarecermos as perspectivas e conceitos que fundamentam este estudo. Primeiramente, em observância ao que se espera de um trabalho científico de conclusão de curso. Mas principalmente porque ainda não há consenso quanto às compreensões a respeito do termo e do tema “letramento/s” no Brasil (SOARES, 2004).

Surgindo com a necessidade de diferenciar conhecimento das propriedades do sistema de escrita<sup>6</sup> (ou seja, alfabetização) e habilidades de participação nas práticas sociais de leitura

---

<sup>6</sup> Segundo Morais (2005, p. 42), o aluno alfabetizado, domina os seguintes conhecimentos do sistema de escrita: 1) existe um repertório finito de letras na língua (26 no português), as quais não são inventadas e se diferenciam de números e outros símbolos; 2) as letras têm formatos fixos, embora algumas mudanças sejam aceitas para indicar, por exemplo, maiúsculas e minúsculas, mas sem que as letras se confundam; 3) há posições e combinações de letras que são permitidas na língua e outras que não são; 4) as letras têm um ou mais de um valor sonoro, mas este(s) é(são) fixo(s); e há também alguns sons que são notados por letras diferentes.

e escrita, o termo letramento ganhou destaque primeiro no campo da Educação. Nessa área de estudos, Magda Soares<sup>7</sup> foi uma das pioneiras ao trazer o termo para debate.

A autora caracteriza o letramento como algo para além do saber ler e escrever; significa colocar *a prática social da linguagem* em ação, em diversos meios sociais, “como bem simbólico de uso político, social e cultural” (SOARES, 2017). Noutro trabalho, a autora esclarece: “Letramento é, pois, o *resultado* da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o *estado ou a condição* que adquire um grupo social ou um indivíduo como *consequência* de ter-se apropriado da escrita.” (SOARES, 2009, p. 18; destaques adicionados). Assim, temos que alfabetizar seja o mecanismo de ensino das técnicas da leitura e da escrita e letramento, os meios de desenvolver essas técnicas em sociedade (JUSTO; RUBIO, 2013).

O termo letramento surgiu em meio a uma necessidade social, visto que ser apenas alfabetizado não era garantia para responder às demandas da sociedade. Assim, a dificuldade que encontramos ao definir separadamente os termos se dá porque o termo letramento está enraizado ao conceito de alfabetização. Segundo Soares (2009):

O que ocorre nos países do Terceiro Mundo é que se alfabetizam crianças e adultos, mas não lhes são dadas as condições para ler e escrever: não há material impresso posto à disposição, não há livrarias, o preço dos livros e até dos jornais e revistas é inacessível, há um número muito pequeno de bibliotecas. Como é possível tornar-se *letrado* em tais condições? Isso explica o fracasso das campanhas de alfabetização em nosso país: contentam-se em ensinar a ler e escrever; deveriam, em seguida, criar condições para que os alfabetizados passassem a ficar imersos em um ambiente de letramento, para que pudessem entrar no mundo letrado, ou seja, num mundo em que as pessoas têm acesso à leitura e à escrita, têm acesso aos livros, revistas e jornais, têm acesso às livrarias e bibliotecas, vivem em tais condições sociais que a leitura e a escrita têm uma função para elas e tornam-se uma necessidade e uma forma de lazer. (SOARES, 2009, p. 58-59)

É preciso, então, levar as práticas sociais de linguagem à alfabetização, de forma que um processo caminhe lado a lado com o outro. Mas também é preciso que os letramentos sigam acompanhando toda a vida escolar dos estudantes, como práticas para além daquelas que são próprias da escola; Street (2014) — antropólogo britânico e um dos principais teóricos do letramento — fala de letramentos sociais. No processo de ensino-aprendizagem da LP, eles devem ser o centro, sendo a base também para os estudos de gramática, por exemplo.

---

<sup>7</sup> Magda Becker Soares (1932-2023) era professora emérita aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora emblemática e autora de vários livros na área de alfabetização e letramentos.

Na LA, os estudos dos letramentos também têm sido aprofundados. Autores como Angela Kleiman (KLEIMAN, 1995) e tantos outros têm se dedicado continuamente ao tema. Segundo a autora,

[p]odemos definir hoje o letramento como *um conjunto de práticas sociais* que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, *em contextos específicos, para objetivos específicos* [...]. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de práticas social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado e não-alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas *um* tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (KLEIMAN, 1995, p. 18-19; destaques adicionados)

A autora também associa claramente os letramentos a práticas sociais e culturais, ou seja, estabelece a relação língua(gem) e sociedade. Ao falar sobre a expansão dos estudos na área, a autora afirma:

Aos poucos, os estudos foram se alargando para descrever as condições de uso da escrita, a fim de determinar como e quais eram os efeitos das práticas de letramento em grupos minoritários, ou em sociedades não-industrializadas que começavam a integrar a escrita como uma “tecnologia” de comunicação dos grupos que sustentavam o poder. Isto é, os estudos já não mais pressupunham efeitos universais do letramento, mas pressupunham que os efeitos estariam correlacionados às *práticas sociais e culturais dos diversos grupos que usavam a escrita*. (KLEIMAN, 1995, p. 16; destaques adicionados)

Diante disso, noutro trecho da mesma obra, Kleiman afirma a complexidade conceitual da palavra “letramento”, já que os trabalhos que investigam práticas de letramento podem focalizar o papel da escrita envolvendo diretamente ou não “as atividades específicas de ler ou de escrever” (KLEIMAN, 1995, p. 17-18).

A diferença entre alfabetização e letramento fica ainda explícita quando Soares (2009) — no campo da Educação — afirma não haver, de certa forma, o iletrado:

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele, se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe

leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2009, p. 24)

Também Kleiman (1995, p. 16-17), na LA, refere-se a essa mesma possibilidade:

[...] é possível estudar as práticas de letramento de grupos de analfabetos que funcionam em meio a um grupo altamente letrado e tecnologizado, como os funcionários analfabetos de uma instituição do estado de São Paulo, com o objetivo de examinar, em relação a estes grupos, as consequências sociais, afetivas, linguísticas que tal inserção social significa.

De igual modo, Brian Street aborda o tema ao discutir o estigma do analfabetismo:

De fato, são muito poucas as culturas hoje em que não exista algum grau de letramento: as crianças, por exemplo, aprendem a interpretar logomarcas em produtos comerciais e anúncios, ou a “ler” a televisão com a sua mescla frequentemente sofisticada de escrita, imagens e linguagem oral. [...] As campanhas de alfabetização, no entanto, têm em geral desprezado esses letramentos locais e partido do pressuposto de que os públicos-alvo são “analfabetos” que mal começam a rabiscar. (STREET, 2014, p. 36)

Pensando-se o foco deste trabalho — buscar no CLG um diálogo com os usos sociais da língua, de forma que possamos relacionar também com a formação inicial do professor de LP, com efeitos na sala de aula da Educação Básica —, é importante considerarmos o tópico que Kleiman (1985) traz em sua fala, quando afirma que as práticas escolares são apenas um tipo de prática de letramento. Street (2014) discute a “pedagogização” do letramento, quando nos apresenta sua visão negativa a respeito, já que, na escola, os usos da língua assumem natureza distinta. Para o autor, acontece “o distanciamento entre língua e sujeitos”, uma vez que a língua é abordada “como se fosse uma coisa, distanciada tanto do professor quanto do aluno e impondo sobre eles regras e exigências externas, como se não passassem de receptores passivos” (STREET, 2014, p. 129). Críticos das teorias saussurianas consideram também que o autor propõe este mesmo distanciamento entre língua e sujeito na obra que analisamos, portanto, entre língua, cultura, histórica e sociedade.

Tal como discutiremos à frente neste trabalho, de fato, ainda muito do ensino escolar de LP que temos hoje se propõe a apresentar e ensinar aos alunos uma língua que parece ser externa às nossas práticas e ao nosso conhecimento. Essa questão da língua exteriorizada fica ainda mais clara quando se trata da modalidade escrita, já que se ensina uma gramática artificial, sem ligação com a língua de fato em uso. De certa forma, então, certas práticas de

ensino-aprendizagem assumidas ainda hoje nas salas de aula contribuem para que se crie uma visão que reduz a leitura e a escrita como práticas sociais pertencentes estritamente ao âmbito escolar (STREET, 2014, p. 134). Isso acontece porque afastam “a língua aprendida na escola” da “outra língua vivida” fora dali, que é plural, variável, flexível a contextos de produção e recepção.

Tudo isso nos mostra como os estudos dos letramentos, dentro das diferentes áreas que se dedicam a eles, são importantes para a escola, um espaço em que é indispensável considerar as práticas que lhes são próprias, mas também em que é preciso trabalhar na perspectiva de um social mais amplo, para além delas. Afinal, a escola tem uma função social a cumprir (formação moral e ética; socialização; democratização, apropriação e construção de conhecimentos etc.), função esta que naturalmente pressupõe estratégias características: apresentação e explanação de conteúdos, por exemplo, e até a promoção de atividades que permitam aos estudantes memorizarem o que aprendem. A esse respeito, abrimos um parêntese para concordar com Mendes e Silva (2023, p. 159), para quem a “memorização é necessária no processo de aprendizagem, mas não deveria ser a principal estratégia pedagógica nem o objetivo final do ensino”. Os autores consideram que o desejado é aprender e apreender porque se pensa e compreende (RABELO, 2022 *apud* MENDES; SILVA, 2023).

Diante de todas essas considerações, fato é que os letramentos dizem respeito a práticas sociais de linguagem mediadas pela escrita. Tem-se, então, uma visão de língua que é constituída no social. O social nos estudos dos letramentos diz respeito aos contextos históricos e culturais dos quais as pessoas participam em todo o tempo nas interações humanas e em que atuam ideologias e relações de poder<sup>8</sup> (STREET, 2014). Importa, então, como as pessoas usam os textos — no caso, textos escritos — e o que fazem com eles nos diversificados contextos (STREET, 2014, p. 9).

Se o social é assim compreendido no campo dos estudos dos letramentos, como ele é apresentado no CLG, foco dessa monografia? No capítulo seguinte, apresentamos como Saussure tem sido compreendido pelos estudiosos de seus manuscritos e trabalhos atribuídos a ele. Mas retomamos o social mais detidamente no capítulo centrado em nossas análises do CLG.

---

<sup>8</sup> Fala-se em relações de poder no sentido proposto por Kleiman (1995), de linha freiriana: “O domínio de outros usos e funções da escrita significa, efetivamente, o acesso a outros mundos, públicos e institucionais, como o da mídia, da burocracia, da tecnologia” (KLEIMAN, 1995, p. 8). Ou seja, segundo a autora, habilidades de letramentos têm “efeito potencializador”, “potencializam o cidadão” no que diz respeito a acesso e manipulação da informação, para lidar com estruturas sociais — e nelas, segundo consideramos.

### 3 ALGUNS PONTOS FUNDAMENTAIS DAS TEORIAS SAUSSURIANAS

Saussure é comumente conhecido entre os estudiosos da linguagem por estabelecer a língua como objeto de análise para a linguística, no início do século XX. Tais ideias foram registradas a partir das anotações de alguns dos alunos durante três cursos que ele ministrou entre 1907 e 1911, além de manuscritos deixados por ele.

Na realidade, suas reflexões ficaram mais conhecidas quando esse material veio a público, com a edição do livro “Curso de Linguística Geral”, organizado pelos colegas de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye. Estes editaram as anotações das aulas e alguns manuscritos, publicando o CLG em 1916 e atribuindo a autoria da obra ao próprio Saussure, ainda que publicada postumamente<sup>9</sup>.

Assim, neste trabalho, a despeito de toda a polêmica de autoria associada ao CLG, nós o tomamos como materialidade das ideias saussurianas — parte delas, claro, já que há outros manuscritos do autor. É a partir dessa obra que construímos nossas releituras, buscando possibilidades não tão dicotômicas e excludentes como tradicionalmente encontramos na literatura. Isso porque é ao CLG que geralmente se associa a concepção de língua estritamente como sistema autônomo, segundo muitos estudiosos, desconectada dos usos sociais e, portanto, do ser humano (cf. CONEJO, 2007). É nele, portanto, que buscamos os pontos fundamentais da teoria saussuriana, segundo o modo como foram e são compreendidos por estudiosos de outras áreas do campo linguístico e social.

#### 3.1 Os entendimentos de linguagem, língua e fala a partir do CLG e outras dicotomias

Orlandi (2009) afirma que, apesar de o *Curso* não ter sido um empenho de Saussure, é por meio dele que o linguista genebrino se faz conhecido. Como “fundador de uma ciência”, ele “é hoje a referência obrigatória para qualquer teoria linguística atual” (ORLANDI, 2009, p. 21).

No CLG, a linguagem é definida como a faculdade natural de se usar uma língua, um fato social<sup>10</sup>, o fator mais importante para a cultura geral (SAUSSURE, 2006, p. 14). Ela compõe-se de um lado social e outro individual: língua e fala, respectivamente.

---

<sup>9</sup> Dado esse contexto, há questões que circundam o campo da dúvida em relação à autoria do livro propriamente dita. Mas aceita-se, pelo menos de modo geral, que o CLG traz o pensamento de Saussure, embora claramente também carregue marcas das edições feitas, perdendo talvez alguns laços internos pertencentes somente ao pensamento de Saussure (SILVEIRA, 2003).

<sup>10</sup> Mais à frente, neste trabalho, discutimos que “social” é esse no CLG.

Muitas das bibliografias que tratam dos princípios saussurianos, retomando-os *sob as perspectivas gerais já estabelecidas*<sup>11</sup> a partir do CLG sobre linguagem, língua e fala, afirmam que Saussure considera a língua por ela própria, estritamente segundo os elementos que a compõem como sistema, os quais se combinam e ganham valor funcional no interior do discurso. Conceituar língua em Saussure, portanto, por esse viés, significa considerá-la um sistema social e abstrato de signos, tal qual nos é apresentada em um dos trechos do CLG: “a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.” (SAUSSURE, 2006, p. 23).

Os signos, por sua vez, são convencionados e arbitrários, definidos como associação entre significado (conceito) e significante (imagem acústica realizada no cérebro, não física). A convenção reside no fato de que a língua não pode ser modificada por um indivíduo único; existe uma espécie de contrato entre os membros da comunidade (SAUSSURE, 2006, p. 22). Já a arbitrariedade significa que não existe motivação anterior para que uma ideia seja relacionada a uma sequência de sons. Entretanto, Saussure também afirma que ela pode ser motivada, isto é, a arbitrariedade pode ser absoluta ou relativa. Para o primeiro caso, são exemplos as palavras “nove” e “dez”, em que a relação entre significado e significante é totalmente imotivada. Já a palavra “dezenove”, ao combinar os dois termos anteriores, seria um caso de motivação relativa (SAUSSURE, 2006, p. 152).

A língua é, ainda, social, já que “ela existe na *coletividade* sob a forma duma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos como um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (p. 27; destaque adicionado). Por isso, ela não está completa em um só indivíduo, mas na massa.

A fala, por sua vez, é individual, realização múltipla da língua. Ela é, assim, circunstancial, variável, dependente do indivíduo e, portanto, não sistemática. Não sendo sistema, Saussure a exclui da Linguística, segundo Orlandi (2009), embora a considere uma das dimensões da linguagem, juntamente com a língua.

A língua pode ser estudada segundo o seu estado dentro de um determinado espaço de tempo ou numa sucessão de espaços temporais. Saussure distingue, então, sincronia e

---

<sup>11</sup> Destacamos essa informação, já que têm surgido outras leituras que somam o CLG a outros escritos de Saussure. Stawinski (2020, p. 106), por exemplo, em sua tese, destaca que “[a]o longo dos últimos anos, graças a estudos de diversos pesquisadores e ao acesso ampliado das fontes manuscritas, foi possível relativizar a leitura excessivamente binária, complexificando as relações entre os conceitos de *langage*, *langue* e *parole*.” Também, em artigo de Carvalho (2014), o autor estabelece três compreensões possíveis para língua, as quais podem, inclusive, serem analisadas a partir do CLG: língua como acervo linguístico, como instituição social e como realidade sistemática e funcional.

diacronia, respectivamente, dando prioridade àquela sobre esta, segundo Carvalho (2014). Buscando definir um objeto de estudo para a linguística, Saussure manteve sua base nos estudos históricos, assim como faziam os neogramáticos. Mas, de outro modo, buscou uma nova visão que lhe permitiu observar a sincronia da língua independentemente da evolução histórica (diacronia). Nas palavras de Orlandi (2009), a diacronia é incompatível com a ideia de sistema; logo, assim como a fala, é excluída do campo de estudos da Linguística.

Saussure ainda apresenta os eixos sintagmático e paradigmático. As relações sintagmáticas dizem respeito ao caráter linear da língua na cadeia da fala, já que não se podem pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Esse tipo de relação, a que Saussure denomina *in praesentia*, é estabelecido na combinação de duas ou mais unidades consecutivas — portanto, presentes e subsequentes — de valores opostos. Tais unidades podem ser palavras, grupos de palavras, elementos de uma frase e até frases inteiras.

Já o eixo paradigmático é o das relações associativas, denominado *in absentia*, ou seja, “sem a presença”. Isso porque os elementos que irão compor o discurso<sup>12</sup> são escolhidos fora dele, a partir de um repertório na memória virtual do falante (SAUSSURE, 2006, p. 143).

Esses são, então, os tópicos tomados como basilares das teorias de Saussure, especialmente a partir do CLG, dentre os quais importam-nos fundamentalmente a relação linguagem/língua/fala. São enfoques excessivamente binários, segundo Stawinski (2020), e, acreditamos, podem ter efeitos extremos, especialmente no campo da formação inicial do professor de línguas, já que, conforme esclarece a autora, “[a] recepção de Saussure no Brasil foi acompanhada por uma forte didatização dos conceitos presentes do CLG, contribuindo para uma interpretação pautada por relações dicotômicas”. Entendemos, então, interpretações que, sim, excluem os indivíduos, os contextos, a sociedade e tantos outros elementos definidores do que se diz, a quem, com que propósito e como se diz. Diante disso, vale lembrar que, segundo Antunes (2007, p. 145), “os princípios teóricos, conscientemente ou não, orientam todas as escolhas que são feitas na escola”.

### 3.1 A recepção das teorias de Saussure

Ao longo dos anos, tal como discorreremos na seção anterior, o pensamento saussuriano foi conhecido a partir da visão sistêmica de língua, sendo interpretada por diversos autores

---

<sup>12</sup> O termo “discurso” foi empregado no CLG, mas sem definição clara de como deveria ser compreendido. Parece-nos que diz respeito à fala, aos usos da língua, mas não há como definir, nos limites deste trabalho, se se estaria considerando as implicações de contextos (sociedade, história, cultura etc.).

como excludente do social, principalmente quando a teoria apresenta as dicotomias língua/fala e sincronia/diacronia. Por isso, autores de diversos campos de estudos da língua que emergiram desde o estabelecimento da Linguística como ciência veem o conceito proposto por Saussure como já ultrapassado, limitado e até mesmo prejudicial.

Para Pennycook (1998) — linguista aplicado de linha crítica —, as principais dicotomias saussurianas afastam os estudos sobre a linguagem de questões históricas, sociais, culturais e políticas. Nesse seguimento, parece-nos que, na perspectiva do autor, as concepções dicotômicas e restritivas pressuporiam e até justificariam um ensino de línguas mais mecanicista, com ênfase na forma linguística e em práticas de leitura acríticas, por exemplo.

Um dos principais autores que também vai de encontro com os pressupostos de Saussure é Bakhtin<sup>13</sup>, teórico da linguagem que, juntamente com seu círculo de estudos, contribuiu para a disseminação desse posicionamento contra as teorias saussurianas. Ao tratar da dicotomia língua/fala, em nota da edição do CLG por ele traduzida e lançada em 2021 (SAUSSURE, 2021), Bagno lembra as contraposições do círculo russo e de Lev Vygotsky:

Essa separação que se pretende nítida entre o individual e o social, entre o psicológico e o sociológico, é uma visão dualista do fenômeno da linguagem que será contestada já nas primeiras décadas do século XX por autores como os russos Lev Vygotsky (1896-1934), que sustenta a tese da “formação social da mente”, e Valentín Volóchinov (1895-1936), dando início a uma corrente de pensamento que nega essa dicotomia. O mesmo vale para a afirmação, logo a seguir, de que a língua é um “produto que o indivíduo registra passivamente”, o que, mais uma vez pressupõe a existência de uma entidade “língua” fora dos indivíduos, ela sim, “ativa” como uma espécie de coisa-em-si [NT]. (SAUSSURE, 2021, p. 57)

Observando os conceitos da teoria linguística do círculo russo bakhtiniano, a partir de Volochinov (2004), temos que todo signo é de teor ideológico, ou seja, intrinsecamente relacionado com o social. Para Bakhtin, segundo mostramos na citação a seguir, o signo é “dialético, dinâmico, vivo”; o autor opõe-se, então, à análise da língua tal como compreendida tradicionalmente nas teorias saussurianas.

Todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma modificação da língua. A evolução da língua obedece a uma dinâmica positivamente conotada, ao contrário do que afirma a concepção saussuriana. A variação é inerente à língua e reflete variações sociais; se, efetivamente, a evolução, por um lado,

---

<sup>13</sup> Trazemos Bakhtin a este trabalho porque consideramos haver, como propõem Molon e Vianna (2012), diálogos pertinentes e importantes entre as formulações dos pensadores russos e os debates contemporâneos em LA, dentre os quais, as práticas situadas de usos da língua no contexto dos letramentos.

obedece a leis internas (reconstrução analógica, economia), ela é, sobretudo, regida por leis externas, de natureza social. O signo dialético, dinâmico, vivo, opõe-se ao “sinal” inerte que advém da análise da língua como sistema sincrônico abstrato. É o que leva Bakhtin a atacar a noção de sincronia. (VOLOCHINOV, 2004, p. 15)

Assim, qualquer tentativa de negação desse entendimento estaria equivocada aos olhos dos teóricos do círculo de Bakhtin, que, na época, propunham uma nova metodologia e um novo objeto para o estudo da linguística: uma língua que vive e evolui na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato (VOLOCHINOV, 2004, p. 127). A análise da língua nessa perspectiva, conforme Severo (2009), deve partir das relações sociais, das formas de interação inscritas nela, e seguir para as formas da língua. Bakhtin, assim, critica a teoria saussuriana nas dicotomias língua/fala, sincronia/diacronia. Noutro trecho da obra de Volochinov (2004), as contraposições são reiteradas:

Se a fala é o motor das transformações linguísticas, ela não concerne os indivíduos; com efeito, a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios; os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema [...]. A comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc. (VOLOCHINOV, 2004, p. 14)

Nesse sentido, entende-se que, ao separar língua e fala, social e individual, Saussure estaria criando um sistema de hierarquização social dentro do próprio sistema linguístico. Ou seja, ao separar os conceitos e limitar o objeto de estudo da Linguística, criou, de certa forma, uma possibilidade de supremacia entre os termos. Diante disso, o autor critica as teorias saussurianas a partir das dicotomias:

Mas ao contrário da linguística unificante de Saussure e seus herdeiros, que faz da língua objeto abstrato ideal, que se consagra a ela um sistema sincrônico homogêneo e rejeita as manifestações da fala, a enunciação, e afirma social não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. (VOLOSHINOV, 2004, p.14)

O autor ainda segue em outros trechos demonstrando sua opinião e crítica, expondo como a visão sistêmica da língua apresentada no CLG não mantém o foco na principal relação entre a língua e os fatos sociais reais que a englobam. Reafirma uma língua em Saussure distante do que é concretizado na sociedade; como um sistema fechado, autônomo, a que interessa

unicamente a própria lógica interna do sistema, portanto, em que não há lugar para significações ideológicas.

Esse ponto de vista se perpetua até os dias atuais, visto que a teoria saussuriana ainda é apresentada ou considerada em associação a um ensino de língua que focaliza o ensino de gramática fixa e descontextualizada dos reais usos da língua. Marcuschi (2016), por exemplo, ao falar sobre o papel da Linguística no ensino de línguas, apresenta-nos essa visão ao afirmar que Saussure concebeu a Linguística como uma ciência abstrata, com uma visão “objetivista” da linguagem, esta analisada estritamente como construção formal. O autor afirma que tal concepção contribuiu ainda para se romper os laços entre teoria e prática. Suas objeções ficam claras quando assim se posiciona:

Surgiu daí a noção de língua como sistema de regras e a noção de que o objeto da linguística não era a produção concreta e histórica, embora essa fosse primordial. Saussure mandava analisar a fala não enquanto fenômeno empírico e situado, mas como constructo social, somatório das individualidades e acima das idiossincrasias. Não era a fala e sim um ideal de fala ou uma fala idealizada, que também não chegava a ser a escrita. Sugeriu o recorte sincrônico em detrimento da diacronia, evitando a observação dos dados em sua variação empírica. Instaurou as mais diversas dicotomias que fariam fortuna por mais de meio século. Assim, em Linguística, tudo iniciava com um freio na observação do uso e da variação. (MARCUSCHI, 2016, p. 13)

Buscando associar essa mesma percepção ao ensino de língua, Marcuschi também sinaliza os efeitos das teorias saussurianas, fruto da desconexão com o social desde sua origem. Como vemos no trecho a seguir, um problema que, na visão do autor, é originário das teorias de Saussure acaba por sustentar uma prática de ensino-aprendizagem de línguas igualmente problemática.

Na teoria linguística, com Saussure [e outros], deslocava-se a visão da cultura para o sistema. [...] O ensino de língua capitaliza esta visão popularizando-a nas gramáticas pedagógicas com o predomínio do ensino da gramática, esquecendo até mesmo a Literatura em muitos casos. É o triunfo da ideia da língua como sistema de regras, que poderia ser estudada imanentemente já que teria um determinado grau de estabilidade interna, estruturação e imanência significativa. (MARCUSCHI, 2016, p. 15)

Dessa forma, temos clareza de que Marcuschi (2016) fundamenta a ideia de que as teorias saussurianas não possuem relação com o social, sendo sua perspectiva muito próxima do que também nos apresenta Volochinov (2004). Essa compreensão é uma das principais formas de se lerem as teorias atribuídas a Saussure, sendo vista nos mais diversos segmentos dos estudos linguísticos.

Contudo, o próprio Marcuschi (2016, p. 13) declara, em uma nota de rodapé, o seguinte trecho: “Não defendo esta posição como a única, pois hoje há inúmeras revisões de Saussure que tentam mostrar uma outra realidade sugerindo ter sido Saussure mal interpretado em seus postulados teóricos básicos.” Essa perspectiva de visões distintas e plurais é a que igualmente assumimos neste trabalho, pois acreditamos em uma possível releitura dos conceitos saussurianos, de forma que seja reavaliada principalmente a relação entre língua e social segundo atribuída a Saussure.

Para respaldarmos esse posicionamento, à frente neste texto, voltaremos a esta discussão, apresentando autores que também se mostram adeptos a outras compreensões do CLG — particularmente no que diz respeito às dicotomias saussurianas. A partir dessas novas leituras é que buscamos um diálogo entre as perspectivas de língua e social em Saussure e os letramentos, de modo a contribuir para uma formação docente mais segura de um ensino de línguas que parta do social e que também retorne a ele.

Antes dessas análises, entretanto, apresentamos os procedimentos metodológicos que as orientaram.

#### 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inserimos o capítulo metodológico neste ponto do trabalho porque acreditamos que a contextualização crítica dos capítulos anteriores nos ajuda a justificar os procedimentos e as perspectivas teóricas que escolhemos seguir nesta investigação. Por todos os aspectos discutidos referentes às já estabelecidas compreensões das teorias saussurianas a partir do CLG e à vista de contínuas e possíveis reanálises e releituras de objetos de investigação científica, nosso propósito foi lançar um olhar sócio-histórico para o CLG.

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa com fins explicativos, construída a partir de pesquisa documental e bibliográfica. A pesquisa documental consiste na investigação de um material que pode ou não ter sofrido análises anteriores (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015). Busca-se, portanto, interpretá-lo de modo inédito ou reexaminá-lo à procura de informações adicionais para se compreender um fenômeno. Dessa forma, temos que, nesta monografia, além do próprio CLG, receberam a posição de documentos alguns trabalhos acadêmico-científicos em LA.

Para “escolha e recolha dos documentos” (KRIPKA; SCHELLER; BONOTTO, 2015, p. 245), no caso, destes trabalhos, utilizamos a ferramenta de busca *Schoolar Google* ou *Google Acadêmico* (GA), um repositório que cataloga e disponibiliza conteúdo acadêmico-científico, como artigos, livros, dissertações, teses etc. Todo esse conteúdo pode ser prontamente acessado nos *sites* em que foi hospedado.

Segundo Santos e Santos (2017), o *Google Acadêmico* trata-se de um recurso que tem se mostrado um instrumento útil para o âmbito científico; pode ser e é utilizado por muitos acadêmicos e pesquisadores “como instrumento de pesquisa e facilitador ou colaborador na concepção de trabalhos científicos, pois suas funções podem ser aplicadas desde o processo de revisão da literatura até o armazenamento de conteúdo para pesquisas futuras” (SANTOS; SANTOS, 2017, p. 317). Falam em armazenamento porque é possível assinalar as publicações ou buscas favoritas a serem retomadas noutra momento; elas ficam salvas num espaço denominado “Minha biblioteca”.

O GA ainda pode ser de mais fácil acesso e aceitação pelo público geral, já que, de certa forma, é parecido com o “Google”, mecanismo de busca utilizado por um grande público para pesquisas de temas gerais, não necessariamente de natureza científica. Os resultados que ele oferece captam quaisquer tipos de *sites* e informações a partir das palavras-chave que orientam a busca; por isso, nem sempre são dados verdadeiros ou *sites* com credibilidade, já que a *internet*

é um domínio com liberdade considerável. Dessa forma, o Google tende a exigir do indivíduo uma certa curadoria maior, uma seleção mais cuidadosa das informações que ele nos apresenta.

No GA, por meio de busca avançada, listamos palavras-chave específicas para o levantamento de trabalhos produzidos no campo da LA e publicados em 2023, disponíveis em plataformas digitais e que contivessem referências a Saussure. As palavras empregadas na busca foram: “Linguística Aplicada”, “Saussure”, “formação docente” e “letramento”, e todas elas deveriam constar nos documentos a serem listados, ou seja, todas no mesmo texto.

Figura 1 – Janela do GA com os parâmetros de busca dos trabalhos investigados

The image shows the Google Acadêmico advanced search window. The search bar contains the text "Linguística Aplicada, Saussure, formação do". The search criteria are set to "com todas as palavras" (all words). The search location is set to "em qualquer lugar do artigo" (anywhere in the article). The search is filtered by "publicados em" (published in) the year "2023". The interface includes a sidebar with navigation options like "Meu perfil", "Minha biblioteca", and "Pesquisa avançada".

Fonte: Acervo da autora.

Num primeiro momento, optamos por um recorte temporal mais amplo, desde 2019, pois os quase 5 anos, no caso, é um período geralmente considerado como “atual” para as pesquisas e produções acadêmico-científicas. A partir dessas definições, o GA nos apresentou um resultado de 1840 trabalhos<sup>14</sup>. Esse seria um número extremamente alto para pesquisarmos no contexto de produção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Assim, optamos por aplicar o filtro temporal de 2023, ou seja, os trabalhos mais recentes. Os resultados caíram para 74.

<sup>14</sup> Número atualizado em 30 de maio de 2023.

Figura 2 – Resultados do levantamento de trabalhos no GA

The screenshot shows the Google Acadêmico search interface. The search bar contains the text 'Linguística Aplicada Saussure formação docente letramento'. Below the search bar, there are filters for 'Artigos' (Articles) and 'Aproximadamente 74 resultados (0,06 s)'. The results are sorted by relevance. The first result is a book titled 'Fotografias de linguística aplicada: ensino crítico de línguas para o século XXI' by G Nascimento, published in 2023. The second result is a PDF titled 'Contribuições da Linguística contemporânea para a reflexão em torno da alfabetização e do letramento' by MSC Martins, published in 2023. The third result is another PDF titled 'APORTES DE LA LINGÜÍSTICA CONTEMPORÁNEA A LA REFLEXIÓN SOBRE LA ALFABETIZACIÓN Y EL LETRAMENTO' by MSC Martins, published in 2023. The interface includes a sidebar with filters for date, order, language, and type, and a top navigation bar with 'Meu perfil' and 'Minha biblioteca'.

Fonte: Acervo da autora.

Esse ainda seria um número considerável, tendo em vista a densidade teórica da discussão proposta a partir do CLG e o curto tempo para realizá-la. Como amostragem, então, uma vez que os resultados foram organizados por ordem de relevância, optamos por analisar os 10 primeiros trabalhos da lista. Como nosso intuito não era uma pesquisa quantitativa, esse número de publicações atenderia ao nosso interesse de investigar amostras de como Saussure é retomado em trabalhos em LA dedicados aos letramentos e que considerem também a formação docente; além disso, de que forma o autor e seus estudos contribuíram para a pesquisa realizada.

Dos 10 trabalhos listados na primeira página do GA, duas das referências eram de um mesmo trabalho; uma delas era a apresentação de um dossiê; e outra referência era de um livro, cujo arquivo digital não estava disponibilizado por completo. Assim, centramos nossas análises em 7 (sete) trabalhos (cf. Quadro 1). O propósito foi divisarmos se alguma releitura das concepções saussurianas já ganha algum espaço nos estudos de linha aplicada.

Antes de fazermos as análises documentais dos trabalhos, nós nos dedicamos à releitura do CLG, nosso documento-base. A partir de construções teóricas constantes nele próprio, formulamos nossas compreensões, as quais também se fundamentaram em pesquisas bibliográficas; coletamos e analisamos informações de fontes diversas, como livros e artigos científicos. Dessa forma, também trouxemos ao trabalho as perspectivas de críticos das leituras tradicionais das teorias saussurianas.

Quadro 1 – Trabalhos acadêmico-científicos investigados

Dados da publicação	Resumo
<p><b>T1</b></p> <p>Título: <i>Fotografias de Linguística Aplicada: ensino crítico de línguas para o século XXI – Uma homenagem à professora Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro</i></p> <p>Organização: <i>Gabriel Nascimento</i></p> <p>Outros dados da publicação: <i>São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.</i></p>	<p><i>Trata-se de um livro elaborado a partir do esforço coletivo de, em homenagem à professora citada já no subtítulo da obra, tratarem os estudos da linguagem associados a temas como colonialidade, raça, identidade, corporeidade, cultura, nacionalidade.</i></p>
<p><b>T2</b></p> <p>Título: <i>Contribuições da linguística contemporânea para a reflexão em torno da alfabetização e do letramento</i></p> <p>Autoria: <i>Maria Sílvia Cintra Martins</i></p> <p>Outros dados da publicação: <i>Fórum Linguístico, Florianópolis, v. 20, n. 1, p. 8774-8786, jan. 2023.</i></p>	<p><i>O artigo irá apresentar os resultados encontrados a partir da criação de um jogo, voltado para crianças de 6 a 9 anos de idade, como suporte ao ensino e aprendizagem em projetos de letramento e interdisciplinaridade. O propósito foi contribuir a respeito desses temas e, também, para a superação de defasagens de aprendizagem infantil.</i></p>
<p><b>T3</b></p> <p>Título: <i>Caracterização identitária da Linguística Aplicada brasileira: aspectos teóricos</i></p> <p>Autoria: <i>Marcus Vinícius Freitas Mussi; Júlio Araújo; Lucineudo Machado Irineu</i></p> <p>Outros dados da publicação: <i>Revista Linguagem em Foco, [S.l.], v.15, n.1, p. 243-264, 2023.</i></p>	<p><i>O artigo, resultado de um estágio pós-doutoral, relata e discute uma pesquisa qualitativa do tipo descritiva e explicativa, cujo objetivo foi construir/mostrar a identidade da Linguística Aplicada no Brasil, a partir da análise de trabalhos desenvolvidos por pesquisadores dos Programas de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Brasil em seus estudos teóricos. Dentre os resultados, apontou que a LA brasileira mantém estreita relação com a Linguística, de modo a afastar-se um pouco do perfil epistemológico da LA quando da sua criação; e, uma vez que ela busca teorias em outras (sub)áreas do conhecimento e “devolve” construtos teóricos, o artigo considera que os linguistas aplicados brasileiros podem ser caracterizados como empreendedores, tendo em vista a (re)construção epistemológica na área.</i></p>
<p><b>T4</b></p> <p>Título: <i>Árvores, famílias, ruas, rios, florestas e praças no museu de língua portuguesa: entrelaçamentos epistemológicos</i></p> <p>Autoria: <i>Souzana Mizan; Daniel de Mello Ferraz</i></p> <p>Outros dados da publicação: <i>Pensares em Revista, [S.l.], n. 27, p. 192-222, maio 2023.</i></p>	<p><i>O artigo em questão tem como foco questões oriundas do letramento visual, investigando imagens ou ideias da nação que emergem a partir de uma exposição temporária sobre a língua portuguesa e as línguas indígenas no Museu da Língua Portuguesa, localizado em São Paulo - SP.</i></p>

<p><b>T5</b></p> <p>Título: <i>Reflexões teórico-conceituais sobre linguagem a partir de perspectivas do Círculo de Bakhtin e suas intersecções com os letramentos críticos, a decolonialidade e o pós-humanismo</i></p> <p>Autoria: Alan Victor Freitas Andrade; Janayne Pereira Oliveira; Noemi Lopes da Silva; Nara Hiroko Takaki</p> <p>Outros dados da publicação: <i>Pensares em Revista, [S.l.], n. 27, p. 8-32, maio 2023.</i></p>	<p><i>O artigo relata uma pesquisa bibliográfica que objetivou apresentar algumas reflexões teórico-conceituais sobre linguagem a partir de ideias bakhtinianas, estabelecendo intersecções com os Letramentos Críticos, a Decolonialidade e o Pós-humanismo crítico. Os autores concluem considerando que o diálogo proposto é bastante profícuo principalmente no que diz respeito à redução das desigualdades sociais.</i></p>
<p><b>T6</b></p> <p>Título: <i>Identidades de professores/as de inglês na mídia: tendências à homogeneização e possibilidades de contradiscursos</i></p> <p>Autoria: Mariana R. Mastrella-de-Andrade; Ana Castello; Gabriel Nascimento</p> <p><b>Outros dados da publicação: In: SILVA, K. A., ed. Línguas estrangeiras/adicionais, educação crítica e cidadania [online].</b></p> <p><i>Brasília: Editora UnB, 2022, pp. 81-104.</i></p>	<p><i>O texto é um capítulo de livro em que se discutem questões de identidade do professor de inglês a partir de discursos veiculados em três reportagens da mídia, por jornais de diferentes locais do Brasil, de circulação on-line. A investigação foi realizada a partir do paradigma interpretativista de pesquisa em Linguística Aplicada. Os discursos constroem posições identitárias negativamente marcadas, o que requer que se pensem possibilidades de contradiscursos que permitam mudanças.</i></p>
<p><b>T7</b></p> <p>Título: <i>Planos de estudo tutorado de atividades de língua portuguesa e literatura no Ensino Fundamental I: uma análise sob a perspectiva do letramento</i></p> <p><b>Autoria: Adalgiza Costa de Oliveira</b></p> <p>Outros dados da publicação: <i>Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.</i></p>	<p><i>A pesquisa teve como foco analisar as concepções de letramento nas atividades propostas nos materiais dos Planos de Estudo Tutorado (PETs) que foram desenvolvidos durante a pandemia da Covid-19. Buscaram-se: analisar as atividades de língua portuguesa e literatura dos PETs para o ensino fundamental I; identificar se e como as propostas abordavam o desenvolvimento da criticidade dos alunos; refletir e propor outras possibilidades de trabalho com os textos propostos nos PETs visando-se à formação de sujeitos críticos na escola de educação básica.</i></p>

Fonte: Elaborado pela autora.

No próximo capítulo, portanto, passamos a nos dedicar às nossas análises, segundo as definições metodológicas aqui apresentadas.

## 5 RELEITURAS DE SAUSSURE A PARTIR DO CLG

Anteriormente, no capítulo 3, apresentamos os conceitos saussurianos tal como amplamente compreendidos, ao que denominamos de “compreensões tradicionais” por já estarem se mantendo por longa data e se mostrarem, a princípio, estabelecidas. Discorreremos sobre como tais perspectivas focalizam a língua, pontual e literalmente, como sistema, como estrutura fixa, destituída das questões sociais.

Nessa linha de pensamento, reconhecemos que alguns excertos dentro do próprio CLG possam ser possivelmente mais polêmicos. Primeiramente, nós os compreendemos como reflexo de uma perspectiva que ainda estava sendo fundada ou reelaborada num dado momento histórico; assim, talvez, formulações ainda iniciais para os estudos linguísticos, em processo de construção. Segundamente, acreditamos que possam ser reflexo do próprio processo que levou à formulação das teorias saussurianas na obra, a que Silveira (2003; 2007) chamou saussuriano; trata-se de registros realizados a partir da leitura de terceiros, além das próprias contribuições dos editores. Por fim, acreditamos serem possíveis outros entendimentos a partir da obra, conforme têm sinalizado alguns autores, motivo pelo qual também nos dedicamos a outras leituras para a compreensão de língua em relação ao social no CLG.

Neste capítulo, buscamos analisar o conceito do social que vemos explicitado no CLG ou construído nele, além de buscarmos divisar alguma interlocução entre essas compreensões e a forma como o social é concebido hoje — particularmente quando se pensam os estudos dos letramentos.

### 5.1 A construção de um conceito de social

Em momento anterior deste trabalho, afirmamos que o *social* nos estudos dos letramentos diz respeito aos *contextos históricos e culturais* dos quais as pessoas participam, marcados por *ideologias* e relações de *poder*. Naquele momento, diante desse conceito num campo de abordagem fora da Linguística teórica, também questionamos o social em Saussure, no intuito de contrapor ou de aproximar perspectivas.

Diante da necessidade de responder a esse questionamento, fazendo uma busca simples<sup>15</sup> no CLG pela ocorrência dos termos destacados acima, encontramos que “social/is” é

---

<sup>15</sup> Por meio da ferramenta de busca digital para localizar trechos de textos ou itens especiais em arquivos de texto de extensão PDF. Tecla de atalho CTRL + F.

empregado 56 vezes na edição de 2006, disponibilizada digitalmente na internet<sup>16</sup>. No quadro a seguir, apresentamos alguns grupos nominais em que o termo aparece:

Quadro 2 – Alguns grupos nominais em que se empregou o termo “social/is” no CLG<sup>17</sup>

mentalidade do grupo social (p. 266)	liame social [que constitui a língua] (p. 21)	realidade social [da língua] (p. 92)
fato social [a linguagem] (p. 21)	parte social da linguagem [a língua] (p. 22)	seio da vida social [onde se dá o estudo dos signos pela Semiologia] (p. 24)
Psicologia social (p. 24)	natureza social [da língua] (p. 92)	filiação social [das línguas] (p. 262)
lado social [da linguagem] (p. 16)	caráter social [da língua] (p. 92)	comunidade social (p. 262)
produto social da faculdade de linguagem [a língua] (p. 17)	força social (p. 92)	vida social [quando fala do interesse da paleontologia linguística] (p. 262)
domínio social [a que pertence a linguagem] (p. 17)	lei social (p. 107)	organização social (p. 264)
instituição social [a língua] (p. 17)	equilíbrio social (p. 174)	a massa social (p. 85; 88; 90)
cristalização social [a reprodução dos signos pelos indivíduos] (p. 21)	forças sociais (p. 88)	relações sociais [quando esclarece o sentido da palavra <i>intercourse</i> no original] (p. 238)
instituições sociais (p. 107)	vínculo social (p. 261)	fatos sociais (p. 235)

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Saussure (2006).

Entretanto, a mera presença da palavra “social” ou “sociais” na obra não é esclarecedora quanto à sua definição no CLG. O mesmo se pode dizer sobre a presença dos outros termos destacados naquele conceito de social na perspectiva dos letramentos. Quanto a “contexto/s social/is” e “contexto/s cultural/is”, as expressões nem mesmo foram empregadas no livro. Quanto a “poder”, das 30 ocorrências, apenas 2 equivalem a autoridade e influência, mas não associadas aos sentidos que buscamos. Também, a única ocorrência de “ideologia” não contribuiu para o nosso propósito, como mostram os excertos abaixo, retirados de Saussure (2006):

<sup>16</sup> Dentre outros *sites* que disponibilizam a obra, nós a baixamos de: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4622783/mod\\_resource/content/1/Saussure16CursoDeLinguisticaGera1.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4622783/mod_resource/content/1/Saussure16CursoDeLinguisticaGera1.pdf).

<sup>17</sup> Outras ocorrências correspondem a situações em que a palavra foi empregada fora de grupos nominais ou em construções repetidas, como foi o caso de “fato social”, empregado 5 vezes ao longo do livro.

---

“As únicas formas sobre as quais a analogia não tem poder nenhum são naturalmente as palavras isoladas, tais como os nomes próprios, especialmente os nomes de lugares [...]” (p. 201)

“[...] umas vezes se dá preferência ao dialeto da região onde a civilização é mais avançada, outras ao da província que tem a hegemonia política e onde está sediado o poder central [...]” (p. 226)

“[...] é empregado por Ulfilas para designar o governador romano de uma província, porque o legado do imperador era, em sua ideologia germânica, a mesma coisa que um chefe de clã [...]” (p. 265)

---

De fato, nas situações em que se emprega explicitamente “social/is” no CLG, o termo parece equivaler a coletividade, a agrupamento de pessoas que atuam conjuntamente. O trecho a seguir, embora longo, mostra isso com mais clareza:

A língua — e esta consideração sobreleva todas as demais — é, a cada momento, tarefa de *toda a gente*; *difundida por uma massa* e manejada por ela, é algo de que *todos os indivíduos* se servem o dia inteiro. [...] da língua [...] cada qual participa a todo instante e é por isso que ela sofre sem cessar a influência de *todos*. [...] A língua forma um todo com a vida da massa *social* [...]. Não basta, todavia, dizer que a língua é um produto de forças *sociais* para que se veja claramente que não é livre; a par de lembrar que constitui sempre herança de uma época precedente, deve-se acrescentar que essas forças *sociais* atuam em função do tempo. Se a língua tem um caráter de fixidez, não é somente porque está ligada ao peso da *coletividade*, mas também porque está situada no tempo. (SAUSSURE, 2006, p. 88; destaques adicionados)

Essa perspectiva de social ganha destaque quando se remete a “toda a gente”, a uma “massa”, a “todos os indivíduos” que influenciam a língua, porque um grande grupo, uma coletividade a emprega e a produz.

Entretanto, é a palavra “cultura”, não associada a “contextos”, em uma das 2 vezes em que foi empregada, que nos ajuda nas primeiras discussões a respeito do social no CLG: “toda língua literária, produto da cultura, acaba por separar sua esfera de existência da esfera natural, a da língua falada.” (SAUSSURE, 2006, p. 30). Esse trecho encaminha para a distinção entre o que se denomina Linguística interna e Linguística externa nas teorias saussurianas.

Faz parte da Linguística interna o estudo da língua como sistema. Já a Linguística externa ocupa-se dos aspectos pertinentes à fala e, juntamente com ela, aspectos da vida social e cultural. Oliveira (2019) afirma que língua e fala são, assim, estreitamente relacionados, mas

cada qual constituindo uma Linguística própria, com caminhos que devem ser seguidos separadamente. Segundo consta no CLG, a Linguística externa tem relação com os fatos linguísticos e tem sua relevância declarada pelo autor — entende-se, Saussure —, embora não seja considerada quando se trata da ciência proposta pelo linguista suíço. É o que fica claro no trecho de abertura do capítulo V da obra, intitulado “Elementos internos e elementos externos da língua”:

Nossa definição da língua supõe que eliminemos dela *tudo o que lhe seja estranho ao organismo, ao seu sistema*, numa palavra: tudo quanto se designa pelo termo “Linguística externa”. Essa Linguística se ocupa, todavia, *de coisas importantes*, e é sobretudo nelas que se pensa quando se aborda o estudo da linguagem. (SAUSSURE, 2006, p. 29; destaques adicionados)

Saussure, conforme registra o CLG, reafirma aspectos da Linguística externa quando:

- aborda as relações da Etnologia com a Linguística, entre a história de uma língua e de uma raça ou civilização; “[o]s costumes duma nação *têm repercussão na língua* e, por outro lado, é em grande parte a língua que constitui a Nação” (SAUSSURE, 2006, p. 29; destaques adicionados);
- estabelece relações entre a língua e a história política, citando as conquistas romanas e sua “importância incalculável” sobre os fatos linguísticos, no que diz respeito a transformações no idioma; afirma que “[u]m grau avançado de civilização favorece o desenvolvimento de certas línguas especiais (língua jurídica, terminologia científica etc.)” (p. 29);
- reconhece as relações da língua com instituições de toda espécie (igreja, escola etc.).

Noutro momento da obra, Saussure afirma a importância da linguagem para a cultura geral, “na *vida* dos indivíduos e das sociedades” (SAUSSURE, 2006, p. 14; destaques adicionados). Entretanto, embora reconheça que os fenômenos linguísticos são, assim, muito “frutuosos” (p. 31), conclui reafirmando o foco de interesse da ciência que ele pretendia diferenciar:

Enfim, tudo quanto se relaciona com a extensão geográfica das línguas e o fracionamento dialetal releva da Linguística externa. Sem dúvida, é nesse ponto que a distinção entre ela e a Linguística interna parece mais paradoxal, de tal modo *o fenômeno geográfico está intimamente associado à existência de qualquer língua*; entretanto, na realidade, ele não afeta o organismo interno do idioma. (SAUSSURE, 2006, p. 30; destaques adicionados)

O autor aqui nos propõe a ideia de que a língua, mesmo sendo utilizada em diversos locais, não terá seu sistema interno modificado, visto que os elementos que compõem a ordem interna da língua não sofrem alterações relacionadas aos significados distintos e situados, por exemplo. Mas também o excerto mostra o reconhecimento do autor acerca das questões que extrapolam a língua como sistema, dentre a elas, a variação linguística. Mangabeira (2011), por exemplo, é uma pesquisadora que chama a atenção para interpretações equivocadas de Saussure. Para ela, embora geralmente a língua seja vista como uma estrutura fixa e imutável, é possível inferir “que a variação, como um processo de mudança e alternância, está presente no sistema da língua de Saussure, não sendo um processo concernente apenas ao domínio da fala, como afirmam alguns autores” (p. 285). A autora esclarece:

A opção por iniciar a discussão tratando do sistema da língua é em decorrência do fato de que, na definição de língua (*langue*), está a fonte de muitos equívocos a respeito da teoria linguística de Saussure.

[...] A principal leitura que se fez do curso foi a leitura estruturalista. Devido a essa interpretação, muitas vezes, se lê que Saussure considera a língua uma estrutura fixa e imutável, e não um sistema de relações como, de fato, pode ser lido tanto no CLG quanto nos Escritos de Linguística Geral (SAUSSURE, 2004) [...].

A língua, sob essa perspectiva, pode ser definida não como uma estrutura, mas como um sistema de relações, no qual signos linguísticos (formados pela união de um significante e de um significado, que não têm valor se dissociados um do outro) se opõem uns aos outros, sendo formados, assim, não por um valor positivo, mas por um valor negativo, cada signo é aquilo que os outros não são.

Coelho (2019), em seu trabalho de doutorado, afirma que Saussure escolheu, então, um recorte focalizado na análise da estrutura da língua, porque, naquela época, era seu interesse estabelecer um objeto de estudos para a Linguística, que não fosse compartilhado por outras áreas. Segundo a autora, seria essa delimitação que o teria forçado, naquele momento, a “deixar de lado” as questões sociais, segundo mostra o trecho a seguir:

[A] busca de Saussure era motivada, principalmente, pela definição de um objeto de estudo para a Linguística que pudesse se sustentar de forma, ao mesmo tempo, integral e concreta; essa motivação pode ser retomada no início do CLG (SAUSSURE 2006 [1916], p.15). Para tanto, nesse percurso, foi necessário que o linguista se desvincilasse de alguns elementos que possuem uma relação direta com a língua, mas que, à primeira vista, *não precisam necessariamente ser evocados quando se fala do funcionamento de seu sistema*. Consideramos que esses elementos são de caráter *empírico e social*, e apresentam uma relação direta com as línguas particulares, as quais se colocam à disposição, no mundo, para a análise do linguista. (COELHO, 2019, p. 17; destaques adicionados)

“Deixar de lado”, nesse caso, significa que os elementos “de caráter empírico e social”, nas palavras da autora, não foram alvo de uma análise mais direta, focada neles, o que não significa que suas existências tenham sido negadas.

A autora segue reafirmando que a língua para Saussure, segundo ele escolhera conceber, é uma “realidade sistemática e funcional” (conforme define também Carvalho, 2014):

O sistema linguístico delimitado por Saussure é uma formulação fruto de um processo de matematização [modelo relacionado ao funcionamento do sistema em si, como um todo], porque o sistema funciona sempre da mesma maneira, com quaisquer tipos de dados. Isto é, em todas as línguas existentes no globo há signos que se estabelecem por meio das relações de negatividade, diferença e oposição; todos esses signos são formados por meio da união de um conceito a uma imagem acústica. (COELHO, 2019, p. 17)

Também, Oliveira (2019) considera que a escolha metodológica de Saussure para a análise da língua como sistema não implica que o linguista de Genebra tenha considerado a existência de uma língua desconectada de contextos e de agentes sociais. Segundo o autor:

De fato, o que define sobremaneira a concepção saussuriana de língua não é o traço social, que a situa como instituição da sociedade (visão compartilhada pelos contemporâneos de Saussure), mas o semiológico, que a postula como sistema de signos (este sim uma especificidade do pensamento do genebrino). *Isso não significa que Saussure negue o caráter social da língua* – ou mesmo que ela sirva para comunicar –, mas que *ele não julga ser tal característica suficiente* para fornecer ao linguista um ponto de vista e um método específicos.

[...] pois ela partilha esse traço com outras instituições da sociedade, de forma que é o traço semiológico que “permite definir um objeto próprio à linguística, uma ordem interna; história e sociedade são remetidas ao externo, que não se nega que possuam seus efeitos sobre a língua, mas cujo estudo é reservado a outras disciplinas e a um outro setor da linguística, aquele que é dito ‘externo’” (NORMAND, 2009, p. 52). (OLIVEIRA, p. 139; com adequações)

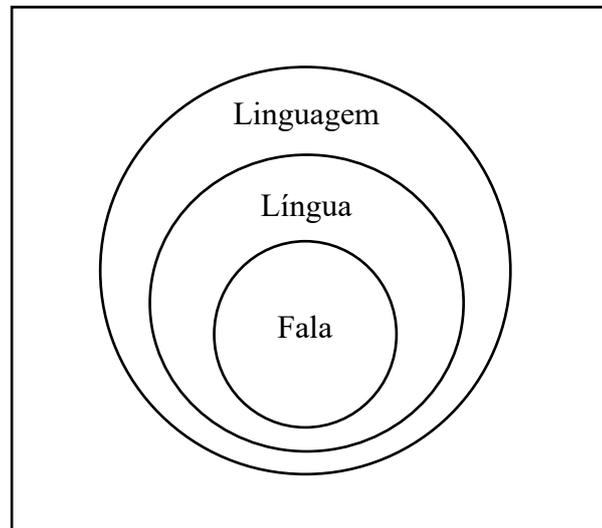
A partir dessas considerações teóricas e da distinção saussuriana entre a Linguística interna e a externa, não vemos como apropriado dizer que Saussure tenha “negado” o social mais amplo — no sentido que hoje compreendemos, por exemplo, a partir das abordagens interacionistas sociodiscursivas. Também, entendemos que o objetivo de Saussure não foi, necessariamente, a *exclusão* de alguns aspectos linguísticos pertinentes aos usos da língua. Sim, enquanto cientista, ele escolheu *delimitar em algum momento* os elementos sociais e culturais

da língua como sistema, mas recorrendo a eles várias vezes para delimitar a língua ou reconhecendo a sua relevância nos fatos linguísticos.

As perspectivas de Coelho (2019) e Oliveira (2019) podem ser fundamentadas no próprio CLG, onde se afirma que o objeto não preexiste ao ponto de vista adotado para se estudá-lo, mas é criado por este ponto de vista (SAUSSURE, 2006, p. 15). Saussure, então, definiu o objeto de estudo da ciência linguística a partir da distinção entre linguagem, língua e fala (cf. também OLIVEIRA, 2019).

No que diz respeito à relação entre esses três elementos, nós a compreendemos tal como ilustramos a seguir: língua e fala compõem a linguagem. Esta, portanto, constituída de um domínio social e outro individual, respectivamente.

Figura 3 – A relação linguagem-língua-fala



Fonte: Autoria própria.

Quanto ao elemento macro desse conjunto, Saussure considera a linguagem um fato social, como indica o trecho a seguir:

A Linguística tem relações bastante estreitas com outras ciências, que tanto lhe tomam emprestados como lhe fornecem dados. Os limites que a separam das outras ciências não aparecem sempre nitidamente. Por exemplo, a Linguística deve ser cuidadosamente distinguida da Etnografia e da Pré-História, onde a língua não intervém senão a título de documento; distingue-se também da Antropologia, que estuda o homem somente do ponto de vista da espécie, enquanto *a linguagem é um fato social*. Dever-se-ia, então, incorporá-la à Sociologia? Que relações existem entre a Linguística e a Psicologia social? (SAUSSURE, 2006, p. 13-14; destaque adicionado)

Nesse caso, o social já parece relacionado a comportamento humano, o que compreende também fenômenos sociais e culturais. É a referência a outras ciências dedicadas a essas questões que nos encaminha para esse entendimento. A Sociologia, por exemplo, mencionada no trecho, é uma das ciências humanas que se dedica ao estudo da sociedade, do comportamento humano em função do meio, das relações de interdependência, dos processos e das associações estabelecidas. Já a Psicologia Social dedica-se ao estudo da relação do indivíduo com a sociedade, problematizando como as pessoas pensam, sentem e se comportam nos vários contextos de que participam (Resolução CFP N° 05/2003, art. 3).

A língua, por sua vez, é considerada parte essencial da linguagem por compor-se de convenções necessárias para o exercício da própria linguagem (SAUSSURE, 2006, p. 17). No CLG, atribui-se à língua a dimensão social; entretanto, um social que parece se aproximar mais da ideia de coletividade. Isso porque, no caso dessas ocorrências do termo, o autor se refere à língua como sistema, aquela que é o objeto de estudos proposto e separado por ele.

Em contrapartida, a fala consiste no domínio individual da linguagem. E, quando no CLG nos deparamos com a Linguística da Língua e a Linguística da Fala (capítulo IV, p. 26 da edição de 2006), vemos a representação da existência da língua a partir da fórmula “ $1+1+1+1...=I$  (modelo coletivo)”, em que “1” representa as individualidades, a prática da fala de cada um dos falantes pertencentes a uma mesma comunidade (SAUSSURE, 2006, p. 27). Nesse trecho da obra, se a língua ainda é associada ao social como coletivo, ao mesmo tempo é possível entendemos a referência à fala como indicando *os usos efetivos da língua*; portanto, no mínimo, pressupõem-se os valores sociais nessa realização de língua, tal qual concebidos hoje, imbricados nesse conceito de fala.

Podemos buscar também essa relação entre fala e social no que já discutimos anteriormente, quando apresentamos a Linguística externa saussuriana. Segundo definido no CLG, tudo o que é estranho ao sistema, pertence à Linguística externa. E esta ocupa-se de coisas importantes, em que se “*pensa quando se aborda o estudo da linguagem*” (SAUSSURE, 2006, p. 29). Nesse sentido, o social, em sentido amplo, relacionado às práticas situadas de linguagem, não estando na língua como sistema, estaria na fala enquanto o exercício efetivo da língua, enquanto língua materializada.

De certa forma, então, a língua é atravessada pelos aspectos que, a princípio, lhe são externos, ainda que estes não sejam o foco de estudos proposto pelo linguista de Genebra. Isso porque a fala constitui a língua e, mais que isso, segundo passagens do CLG, é possível afirmarmos que não há língua se não houver fala, com o que Coelho e Henriques (2014) concordam. As autoras discorrem sobre uma interdependência entre ambas as dimensões de

maneira opositiva, relacional e negativa: a língua é o que a fala não é, mas ambas interdependentes, como mostra o trecho seguinte:

Assim, temos que a fala depende da língua, uma vez que só por meio desta os indivíduos podem exercer a faculdade da linguagem, e a língua depende da fala, pois se não houvesse fala, a língua seria um código inútil, ou até mesmo não existiria. Nessa interdependência, há também a linguagem, que engloba a língua e a fala, e que necessita de ambas as existências para que ocorra. (COELHO; HENRIQUES, 2014, p. 659)

Também, outros excertos do CLG (SAUSSURE, 2006) comprovam essa proximidade entre língua e fala:

---

Exemplos:

- a) “[...] pois a língua não é mais uma entidade e não existe senão nos que a falam.” (p. 12)
  - b) “Trata-se [a língua] de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade.” (p. 21)
  - c) “[...] pois a língua não está completa em nenhum [cérebro individual], e só na massa falante ela existe de modo completo.” (p. 21)
  - d) “[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça [...]” (p. 27)
  - e) “[...] é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta.” (p. 27)
- 

Esses excertos evidenciam a relação de interdependência entre língua e fala: a língua existe nos que falam, é depositada pela fala, se completa na massa falante, é necessária para que a fala seja inteligível; já a fala é necessária para que a língua se estabeleça, assim como também a faz evoluir.

Perceber no CLG uma referência à fala que parece colocá-la no âmbito social (em sentido mais amplo) não é contraditório ao que se vê posto na obra. Coelho e Henriques (2014), em seus estudos sobre o percurso teórico de Saussure nos três cursos de Linguística Geral ministrados por ele, afirmam que houve um momento em que a relação era exatamente o inverso: a fala foi considerada pelo autor como social e a língua, como sendo individual. Para comprovar essa perspectiva, as autoras citam Riedlinger (1996, p. 65-66), que traz uma

referência a tal concepção de Saussure quando o autor ministrou o Primeiro Curso de Linguística Geral:

Dessas duas esferas, a esfera da fala é a mais social, a outra é a mais completamente individual. A língua é o reservatório individual; tudo o que entra na língua, ou seja, na cabeça, é individual. (...) Se tudo que é produzido de novo é criado na ocasião do discurso, isso quer dizer ao mesmo tempo que é do lado social da linguagem que tudo se passa. Em segundo lugar, é suficiente tomar a soma dos tesouros de língua individuais para se ter a *língua*. Com efeito, tudo isso que se considera na esfera interior do indivíduo é sempre social porque nada lhe penetra que <não seja> pela fala, primeiro <consagrado pelo uso> de todos na esfera da fala. (SAUSSURE *apud* RIEDLINGER 1996:65-66, tradução nossa). [grifos do autor]

Também, segundo Coelho e Henriques (2014, p. 652), “as anotações de Riedlinger trazem que a língua, e não a linguagem, possui um lado duplo, que corresponde ao social e ao individual”. Isso já no Segundo Curso de Linguística Geral, quando Saussure ainda não havia estabelecido um conceito bem definido entre língua e linguagem, segundo as autoras. As mudanças de perspectiva de Saussure ao longo de seus estudos mostram uma teoria que ainda estava sendo construída.

De igual forma, entendemos que, ao longo do CLG, o conceito de língua vai sendo também elaborado e refinado. Não podemos, assim, resumir língua a um sistema de signos neutro e homogêneo, como alguns a compreendem. No CLG, encontramos várias passagens que ampliam o conceito de língua, as quais apresentamos a seguir, a partir da edição mais recente do livro (SAUSSURE, 2021):

- parte essencial da linguagem (p. 52);
- elemento que *permite o exercício da linguagem* (p. 52);
- conjunto de convenções (p. 52; 53);
- um princípio de classificação (p. 52; 59);
- um sistema de signos tangíveis, concretos, arbitrários, que *exprimem ideias* (p. 53; 58; 59; 117; 124);
- um bem adquirido, apreendido *pela prática da fala, que a faz evoluir* (p. 53; 56; 63);
- elemento que faz a unidade da linguagem (p. 54);
- produto/instituição/fato social e herdado de gerações precedentes (p.56; 122; 125);
- um sistema gramatical virtualmente existente (p. 56);
- *idioma* (p. 56; 124; 151; 267);
- um produto que se estabelece na massa, constituído de um elo social (p. 56; 57);

- soma das imagens verbais armazenadas nos indivíduos (p. 56-57; 70);
- parte social, externa ao indivíduo (p. 58);
- um depósito de imagens acústicas (impressões psíquicas dos sons) que podem ser traduzidas em imagens visuais e que se unem a conceitos (p. 58; p. 115);
- o conjunto dos *hábitos linguísticos* que permitem a alguém compreender e se fazer compreender (p. 128).

Assim, vemos que há trechos que apontam para o sistema da língua, mas há outros que já direcionam para o social (em destaque, a partir do que discutimos), a que se soma ainda a relação entre linguagem, língua e fala (se o social passa por uma delas, de modo inegável também atravessará as outras dimensões).

Noutra parte da obra, também percebemos mais claramente a prática social da linguagem nos conceitos saussurianos:

1.º Evitando estereis definições de termo, distinguimos primeiramente, no seio do fenômeno total que representa a linguagem, dois fatores: a língua e a fala. A língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender.

2.º Mas essa definição deixa ainda a língua fora de sua realidade social; faz dela uma coisa irreal, pois não abrange mais que um dos aspectos da realidade: o individual; é mister uma massa falante para que exista uma língua. Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico. Sua natureza social é um dos seus caracteres internos; sua definição completa nos coloca diante de duas coisas inseparáveis.

3.º [...] é a ação do tempo que se combina com a da força social; fora do tempo, a realidade linguística não é completa e nenhuma conclusão se faz possível. (SAUSSURE, 2006, p. 92).

A partir da leitura desse excerto, vemos que o próprio CLG confere à fala o lugar de realidade social da língua (no segundo item), ou seja, lugar de realização dela, de se atenderem aos propósitos da linguagem. Se a língua é a linguagem menos a fala, todos os fatores que são externos à língua como sistema pertencem, então, ao âmbito da fala e, são, assim, importantes e relativos à Linguística externa, em que vemos mais claramente o social (para além do coletivo) em Saussure.

Além disso, o trecho faz referência à Semiologia, um campo científico proposto por Saussure, ao qual estaria vinculada a Linguística, mas que, devido à sua abrangência e às áreas

a que estaria associado (à Psicologia Social, por exemplo), pertenceria também à Linguística externa. Segundo o autor, a respeito da concepção e das definições dessa ciência:

Pode-se, então, conceber uma ciência que estude a vida dos *signos no seio da vida social*; ela constituiria uma parte da *Psicologia social* e, por conseguinte, da Psicologia geral; chamá-la-emos de Semiologia (do grego *sêmeion*, "signo"). Ela nos ensinará em que consistem os signos, que leis os regem.

Importante destacarmos que também nesse trecho o social é mais amplo, já que se associa a questões relativas à Psicologia Social.

Por fim, divisamos a relação com o social, com os contextos de uso da língua a partir da teoria do valor linguístico. No capítulo IV da Segunda Parte do CLG, intitulado “O valor linguístico” (SAUSSURE, 2006, p. 130), afirma-se que a língua é um sistema de signos solitários, mas que se ligam de forma também sistêmica e resultam em diversas relações com valores distintos entre si, de forma que cada um dos signos representa uma ideia, uma significação. Nessa dinâmica, cada elemento é aquilo que os outros não são; por isso se fala em sistemas diferenciais, definidos negativamente.

Fato é, entretanto, que tais valores não são fixos, pois dependem das relações de uso para determinar o significado para um significante, ou seja, dependem dos conteúdos fornecidos pelas circunstâncias sociais em que estão sendo empregados. Dessa forma, ao definirmos um valor para um signo linguístico, estamos definindo que as relações e as assimilações entre os outros termos do sistema linguístico são responsáveis por estabelecerem aquele determinado valor ao signo linguístico proposto.

Como exemplo, consideremos o signo linguístico em alguma relação estabelecida a partir da palavra “banco”. A relação som-significante [bãkũ] e imagem-significado [  ] pode sofrer alterações, pois o significado pode não ter relação com as agências bancárias, mas, sim, com um assento para uma ou mais pessoas. Dessa forma teríamos um mesmo som-significante [bãkũ], mas uma outra uma imagem-significado, [  ].

Por todos esses aspectos e a partir do que discutem Coelho e Henriques (2014), compreendemos que não há como dizer que Saussure considere o indivíduo fora da linguagem. Concordamos com as autoras, quando dizem que “tanto o lado individual quanto o social encontram-se localizados, ao mesmo tempo, no indivíduo” (p. 650), já que não há como se conceber o indivíduo fora da linguagem. Mas vamos além: é possível compreender no CLG a

linguagem, a língua, a fala e, portanto, os indivíduos a partir das interações nos contextos sociais.

## 5.2 Se falamos em letramentos, a escrita em Saussure

Se o foco deste trabalho passa pelos letramentos, práticas sociais de linguagem mediadas pela escrita, fica a questão: e a escrita em Saussure?

A escrita, no CLG, é um sistema de signos, mas distinto da língua. Para o autor, a escrita serve apenas para registro da fala (que é o objeto linguístico propriamente), mas de modo que não consegue captar toda a complexidade desta, até mesmo porque confere uma fixidez, uma rigidez à língua falada, como nos apresenta o trecho a seguir “[l]íngua e escrita são dois sistemas distintos de signos; a *única razão* de ser do segundo é representar o primeiro” (SAUSSURE, 2006, p. 34, destaque adicionado). A escrita assume, portanto, uma função representacional (ENDRUWEIT, 2008).

Endruweit (2008, p. 4) justifica que essa postura diante da língua era fruto de uma época: “é preciso ceder à cultura para se fazer ouvir, e assim fez Saussure do Curso”; e continua: “Saussure reproduz uma definição já muito arraigada de escrita cujo cerne baseava-se no modelo de escritura fonética: a escrita seria o significante do significante primeiro, capaz de representar a voz, cuja primazia situava-se na relação direta e natural com o sentido”. Diante da definição de dois sistemas de escrita, um ideográfico e outro fonético, temos que o foco do linguista se manteve nas relações fonéticas, visto que o sistema ideográfico é capaz de reproduzir não apenas uma única palavra, mas uma ideia. Além disso, “as escritas ideográficas se tornam facilmente mistas: certos ideogramas, distanciados de seu valor inicial, terminam por representar sons isolados” (SAUSSURE, 2006, p. 36).

Uma visão que vai além dessa é de Oliveira (2019), que vê no CLG outras noções de escrita, associadas às definições de linguagem, língua e fala e necessárias para compreensão do objeto da ciência da língua. Segundo o ponto de vista do autor, a partir do capítulo *Representação da língua pela escrita*, é possível compreender que

[a] atitude receosa em face da escrita justifica-se, na medida em que Saussure busca estabelecer as condições para a emergência de uma Linguística sincrônica, centrada no estudo da língua falada e, portanto, radicalmente distinta da Linguística – vigente em seu tempo, diacrônica, focada na investigação da evolução de uma ou mais línguas a partir de registros escritos. (OLIVEIRA, 2019, p. 132)

Como também nos lembra o autor, ao longo do CLG a escrita é reconhecida como matéria da ciência linguística (o que não significa ser objeto dela). O posicionamento de Saussure é contra o privilégio da língua escrita sobre a falada, o que acontecia na perspectiva dos comparatistas.

De fato, em dois trechos do CLG, conseguimos distinguir a importância que Saussure dá à escrita:

*A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem humana, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a “bela linguagem”, mas todas as formas de expressão. Isso não é tudo: como a linguagem escapa as mais das vezes à observação, o linguista deverá ter em conta os *textos escritos*, pois somente eles lhe farão conhecer os idiomas passados ou distantes. (SAUSSURE, 2006, p. 13)*

[...] é evidente, por exemplo, que as questões linguísticas interessam a todos — historiadores, filólogos etc. — que tenham de manejar *textos*. Mais evidente ainda é a sua importância *para a cultura geral*: na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. (SAUSSURE, 2006, p. 14)

A partir do primeiro trecho, compreendemos que a escrita seja, sim, uma das formas de expressão da linguagem humana, sendo, então, matéria da Linguística. Também, esse mesmo fragmento mostra que não é verdade que Saussure privilegiasse uma construção linguística ideal, como afirma Marcuschi (2016) a respeito da fala.

Já no segundo trecho, quando se refere ao manejo de textos — textos escritos, no caso, segundo Oliveira (2019) — e à cultura geral, o CLG parece abrir possibilidade para que se compreenda o texto proximoamente da ideia mais ampla de social, porque ele importa para a cultura. Aliás, Oliveira (2019) nos lembra ainda que a escrita é um produto cultural. No trecho do CLG que já trouxemos neste trabalho, em que se faz referência à língua literária — “toda língua literária, produto da cultura, acaba por separar sua esfera de existência da esfera natural, a da língua falada.” (SAUSSURE, 2006, p. 30) —, esta parece se referir à língua escrita, já que se faz um contraponto em relação à língua falada.

Por fim, podemos ler que a escrita seja considerada por Saussure como pertencente à Linguística externa, sobre cuja extensão tratamos anteriormente. Oliveira (2019, p. 142-143) também considera esse entendimento:

No capítulo *Elementos internos e elementos externos da língua*, a escrita não comparece enquanto *termo*, mas podemos percebê-la enquanto *noção* subjacente a algumas relações estabelecidas por Saussure entre a língua e elementos exteriores a ela. Dentre esses elementos, dos quais se ocupa a “Linguística externa”, o linguista menciona as relações entre a língua e os costumes de uma raça/civilização/nação, as relações entre a língua e eventos histórico-políticos como conquistas e colonizações, as relações entre a língua e instituições sociais como a Igreja e a escola, as relações entre a língua e questões geográficas como o fracionamento dialetal.

Dessa forma, a escrita em Saussure, considerada sob esses pontos de vista que apresentamos nesta seção, ganha proximidade com a escrita tal como é concebida nos estudos dos letramentos. No CLG as referências a ela são atravessadas pela ideia do social, que, nessas ocorrências, nada tem de meramente “coletivo”.

### 5.3 Estabelecendo-se novas relações a partir das releituras do social

A partir das releituras que propusemos até aqui, sendo a língua base essencial para articular a fala, também o é para articular a escrita. Além disso, no *Curso*, língua e fala estão relacionadas aos contextos sociais, tal como apresentamos e discutimos ainda neste capítulo. Logo, são afetadas por eles, embora essas questões extrapolem o interesse de Saussure, tal qual ele delineou para a ciência linguística. A escrita, particularmente, é reconhecida, no CLG, como uma forma de linguagem, sendo, juntamente com seus usos sociais, base para que se considerem os letramentos.

Agora, pensamos toda essa reflexão considerando a formação docente nos cursos de Letras, as teorias linguísticas que são “transmitidas” e aprendidas por graduandos nesses cursos. Ponderamos o impacto da formação inicial na prática na sala de aula; isso desde a disciplina responsável por introduzir os estudos da linguagem. Talvez um viés de estudos das teorias linguísticas saussurianas estrita e marcadamente distintivo e excludente possa contribuir para se reforçarem práticas de ensino da língua portuguesa como um código neutro (no que diz respeito a questões de poder), apartado de seus usos, contextos e finalidades. Foi isso que nos mostrou a citação que fizemos anteriormente de uma fala de Marcuschi (2016, p. 13), em que o autor afirma que as dicotomias saussurianas e a ausência do social em Saussure motivavam a noção de língua como sistema de regras, como um produto cultural a-histórico, descontextualizado, inflexível às diferenças. Inferimos, assim, que essa mesma compreensão de língua colaboraria para se trabalhar unicamente com a gramática normativa do certo *versus* o errado, da escrita *versus* a oralidade, do culto *versus* o inculto.

Nas disciplinas pedagógicas dos cursos de Letras, componentes voltados à prática de ensino mais diretamente, os estudos encaminham para a perspectiva enunciativo-discursiva como fundamento do processo de ensino-aprendizagem de LP como L1. É o que vemos, por exemplo, quando estudamos as bibliografias que orientam uma dinâmica escolar centrada no estudante e no texto; aquele, como agente, aprimorando sua competência de usos da língua(gem) por meio de interações sociais, tendo o professor como mediador.

Essa também é a perspectiva assumida pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa, como mostra o trecho a seguir, retirado desse documento (BRASIL, 2018, p. 67):

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). *Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem*, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é “uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza *nas práticas sociais* existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história” (BRASIL, 1998, p. 20). Tal proposta assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

Pensando, então, Saussure diante dessa demanda do ensino de LP, acreditamos na importância de se considerarem mais criticamente os posicionamentos do autor a partir do CLG, no contexto dos estudos da língua(gem) nas licenciaturas em Letras/Língua Portuguesa. Dentre as possibilidades, enxergar fronteiras mais fluidas para as conhecidas dicotomias pode contribuir para se imprimir uma perspectiva de língua que jamais negou ou se apartou do social — considerando-se o tempo da Linguística moderna. Portanto, não há justificativa — nem mesmo em Saussure, como atribuem alguns — para um cenário como este descrito por Leite (2011, p. 24), quando a autora discute a visão também dicotômica entre literatura e gramática:

Na medida em que a escola concebe o ensino da *língua como simples sistema de normas, conjunto de regras gramaticais*, visando a produção correta do enunciado comunicativo culto, lança mão de uma concepção de linguagem como máscara do pensamento que é preciso moldar, domar para, policiando-a, dominá-la, fugindo ao risco permanente de subversão criativa, ao risco do predicar como ato de invenção e liberdade. Por isso, na escola, os alunos não

escrevem livremente, fazem redações, segundo determinados moldes; por isso não leem livremente, mas resumem, ficham, classificam personagens, rotulam obras e buscam fixar a sua riqueza numa mensagem definida.

Diferentemente disso, que a referência a Saussure nos cursos de Letras também considere mais enfaticamente a importância que o autor atribuía à linguagem e à Linguística para a cultura geral (SAUSSURE, 2006, p. 14). Se ele reconheceu, segundo mostramos no CLG, a cultura, reconheceu também, certamente, que há valores, conhecimentos, comportamentos, crenças, costumes próprios de quaisquer grupos sociais. Como dissemos, ele também considerou os efeitos de tudo isso na linguagem, só não concedeu a essa matéria da ciência linguística um lugar na Linguística interna, na busca por identificar um objeto de investigação que fosse exclusivo desta.

Diante, então, da relevância que vemos para a formação docente de se reler Saussure sob perspectivas mais flexíveis e de se considerar o social nas tratativas da linguagem desde a instituição da Linguística, buscamos identificar como referências ao linguista se manifestam em trabalhos acadêmico-científicos em LA dedicados aos letramentos e à formação docente. Nesse caso, não nos restringimos apenas ao ensino de língua portuguesa, mas focamos em temas que envolvessem, de alguma forma, os letramentos e a formação docente, conforme definido a partir das palavras-chave no sistema de busca do GA.

Como relatamos no capítulo referente aos procedimentos metodológicos, foram considerados 7 trabalhos, todos eles publicados em 2023. Em todos eles, a aparição de Saussure se dá muito brevemente, de forma que as referências ao autor não têm lugar importante no desenvolvimento das pesquisas relatadas. De modo geral, Saussure é retomado como uma referência histórica, mas com algumas distinções (quadros 3 e 4).

Quadro 3 – Teor das referências a Saussure nos trabalhos em LA investigados

<b>Teor das referências</b>	Referência a Saussure como figura histórica de influência negativa	Referência a Saussure como figura histórica	Releitura de Saussure, mas também referência como figura histórica de influência	Releitura de Saussure como contribuição aos estudos da linguagem
<b>Trabalhos</b>	T1, T3, T4	T5 e T7	T6	T2

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme mostramos no Quadro 3, em dois dos trabalhos (T2 e T6) reconhecem-se possíveis releituras das teorias atribuídas ao autor, de forma que são indicadas como contribuição aos estudos da linguagem e às ciências humanas (respectivamente). Em três deles (T1, T3, T4), faz-se alguma crítica às teorias saussurianas. Em dois deles (T5 e T7), o linguista é retomado apenas como uma figura histórica.

Quadro 4 – Referências a Saussure nos trabalhos em LA – 2023, sobre letramentos e formação docente

Identificação dos trabalhos e referências a Saussure	Teor das referências
<p><b>T1</b></p> <p>“Nesse texto, corroboramos com essa visão de língua que, para nós, dialoga com uma LA mestiça, ideológica (MOITA LOPES, 2006) e antirracista. Essa visão nos leva a resistir à <u>imposição de padrões hegemônicos de línguas</u> que impactam nossas identidades, <u>que por muito tempo pautou nossas práticas em uma perspectiva estruturalista de cunho saussuriana. Padrões que, por sua vez, têm sido o único modelo a guiar a aprendizagem dos professores de línguas.</u> Retornando à experiência particular da primeira autora, <u>esse apego aos padrões hegemônicos de língua levava-a a focar na gramática e no vocabulário sem levar em consideração as variedades / possibilidades de uso da língua. Não conseguia ver ‘a língua como processo, vinculada a um contexto e aos sujeitos que a utilizam’</u> (CAVALCANTE FILHO, 2020, p. 13).” (p. 24-25)</p>	<p>Referência a Saussure como figura histórica de <u>influência negativa</u></p>
<p><b>T2</b></p> <p>“Nos últimos vinte anos, no entanto, muita pesquisa tem sido feita em torno da obra do mestre de Genebra, a qual tem apontado, como nos alerta Martins (2014), para várias problemáticas, seja no próprio volume tal qual publicado em sua primeira versão em língua francesa em 1916, seja na leitura que dele foi feita pelo Estruturalismo e pela vulgata saussureana no decorrer do século XX. Hoje, podemos dizer, com base nesses estudos, que o cerne do pensamento de Saussure encontra-se disperso em sua obra, estando mais bem definido no capítulo <i>O valor linguístico</i>, que, segundo o estudioso italiano Tulio De Mauro (SAUSSURE, 1968), deveria, por sua importância teórica, ser o capítulo de abertura do volume, e não aquele que resultou da decisão dos editores.</p> <p>Esse capítulo – ao contrário do que nos leva a supor o capítulo inicial – nos convida a uma visada dinâmica sobre as línguas em geral, que estariam sempre abertas a novas significações.” (p. 8775)</p>	<p>Releitura de Saussure como contribuição aos estudos da linguagem</p>
<p><b>T3</b></p> <p>“Em outra perspectiva identitária, através de profunda análise do pioneiro artigo ‘A propósito de linguística aplicada’ (CAVALCANTI, 1986), Nascimento e Silva (2015) postulam que a LA brasileira chegou à sua fase adulta, apontando para truísmos e desafios da área. Ao final, os autores fazem incisivas críticas em prol da desconstrução do projeto de <u>‘purificação da linguagem [isto é, a eleição de um fragmento dela como objeto de uma ciência] de Saussure’</u> com estabelecimento de fronteiras entre disciplinas. Projeto este fortemente alicerçado na filosofia modernista de John Locke, ‘que buscou demarcar uma língua segura para uma sociedade igualmente segura [e] garantir o espaço vital para a modernidade e os</p>	<p>Referência a Saussure como figura histórica de <u>influência negativa</u></p>

<p>modernistas’ (NASCIMENTO E SILVA, 2015, p. 371, grifo nosso). Nesse sentido,</p> <p>Na medida em que as demarcações epistêmicas de Saussure e Locke pressupunham a exclusão de muitos não-modernos desse núcleo seguro, resta à <i>fase adulta da linguística aplicada o desafio de não apenas mapear a instânciação dessas demarcações na vida social contemporânea, mas também de enfrentar os problemas que não coincidem com essas circunscrições e exclusões.</i>” (p. 248)</p>	
<p><b>T4</b></p> <p>“As imagens e os sons das línguas que ocupam as ruas, becos e praças são concebidos no Museu de Língua Portuguesa a partir de noções muito caras à Linguística Estruturalista que distingue <i>langue</i> (a língua) <i>from parole</i> (a fala) (SAUSSURE, 1969) e privilegia literatura em comparação à língua (como se literatura não fosse língua) e da Linguística Histórica que procura criar uma historicidade una e linear de línguas criando raízes, árvores, famílias, línguas irmãs e genealogias de línguas tendo como foco sempre a palavra.” (p. 201)</p>	<p>Referência a Saussure como figura histórica de <u>influência negativa</u></p>
<p><b>T5</b></p> <p>“Segundo Jordão (2016), o entendimento de que a língua consistia <u>em um sistema de normas linguísticas</u> (SAUSSURE, 2006) foi refutado a partir das reflexões do círculo bakhtiniano.” (p. 11)</p> <p>“Volóchinov (2017) fez duras críticas às ideias estruturalistas de Saussure, bem como de outros autores que postularam tais ideias. O pensador russo defendeu algumas concepções em oposição à teoria que chamou de objetivismo abstrato, ou seja, a parte estrutural da língua. De acordo com Volóchinov (2017, p.162), essa teoria compreende a língua como um “sistema estável e imutável de formas linguísticas normativas e idênticas”, em outras palavras, a concebe como um objeto de “natureza homogênea” (SAUSSURE, 2006, p. 60). Igualmente, percebemos que os LCs [Letramentos Críticos], também não se utilizam da concepção estruturalista de Saussure.” (p. 25)</p>	<p>Referência a Saussure como figura <u>histórica</u></p>
<p><b>T6</b></p> <p>“Finalmente, Hall (2003) explica a gênese do nosso sujeito final, fragmentado e pós-moderno, apresentando cinco avanços nas Ciências Humanas que participaram do descentramento dos sujeitos anteriores, a saber: [...]3) o trabalho do linguista Saussure, que afirmava que não somos autores/as dos significados que expressamos, apenas nos posicionamos nas regras da língua, sendo ela social [...]. Esses foram os fatores que, segundo Hall (2003), contribuíram para o descentramento do sujeito, isto é, levaram a uma compreensão do indivíduo não como essencializado, unificado e centrado na razão, mas sim construído discursiva e socialmente [...]” (p. 83-84)</p>	<p><u>Releitura</u> de Saussure, mas também referência como <u>figura histórica de influência</u></p>
<p><b>T7</b></p> <p>“A Linguística surgiu na França no alvorecer do século XX pela mente de Ferdinand de Saussure, que estabelece a dicotomia entre língua (<i>langue</i>) e fala (<i>parole</i>), concebendo à língua o status de corpus da nova ciência, pois “entende que a língua está presente em todas as manifestações humanas” (SAUSSURE, 2006, p. 13). Desde seu surgimento, o campo de estudos da Linguística vem se modificando, e encontrando novos olhares, aplicações e trajetórias quanto aos estudos da língua(gem).” (p. 19)</p>	<p>Referência a Saussure como <u>figura histórica</u></p>

Quanto aos trabalhos que fazem referência a Saussure como figura histórica de influência negativa (T1, T3 e T4), vemos que em T1, conforme mostra o excerto, as teorias saussurianas são apontadas como fundamentos de padrões que guiaram a formação de professores de línguas. Portanto, uma concepção que nos interessa neste trabalho, visto que confirma nossa proposta de que uma releitura poderia impactar de modo positivo a formação dos professores. Os argumentos apresentados relembram aspectos isolados das teorias saussurianas, relacionando-as a uma visão de língua sem relação com o social, focada na gramática, no vocabulário; uma concepção de língua que ignora variedades e usos, portanto, contextos e sujeitos.

Em T3, a LA parece ser vista como uma redentora, uma ciência adulta e de amplo alcance, capaz libertar os estudos da língua(gem) das teorias excludentes e fragmentadas de Saussure, que se apegam a apenas uma parte da língua. Ou seja, o artigo estabelece fronteiras bem definidas entre a Linguística e a Linguística Aplicada.

T4, por sua vez, ao abordar uma exposição específica no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, mostra os impactos das teorias saussurianas ainda nos dias atuais, já que divisa características da mostra que remetem a conceitos de Saussure, a partir do CLG. Mais uma vez, conceitos relativos às dicotomias e (supostas) exclusões.

Quanto aos trabalhos que referenciaram Saussure meramente como figura histórica, em T5, vemos a aparição das teorias do autor apenas como ponto comum de discordância entre o Círculo de Bakhtin e os teóricos dos Letramentos Críticos, dos estudos decoloniais e pós-humanistas críticos; são estes aportes que interessam ao foco central do trabalho, o qual se propõe a refletir sobre os temas e a relacioná-los a partir de uma pesquisa bibliográfica. Mas o ponto refutado por eles é exatamente o modo como Saussure “compreenderia” a língua, na perspectiva dessas outras linhas teóricas: “um sistema de normas linguísticas”. T7, por sua vez, relembra Saussure como aquele que inaugurou uma ciência, ao estabelecer a dicotomia entre língua e fala. Ambos os trabalhos, então, lembram Saussure a partir das perspectivas tradicionais mais difundidas e duramente criticadas.

Já T6 vê Saussure por outro viés, não exatamente relacionado às teorias mais conhecidas. O trabalho do linguista é apontado como um avanço nas Ciências Humanas, com impactos nos modos de se compreenderem os sujeitos, mudanças que serão relacionadas a questões de identidade do professor de inglês. No caso, a contribuição do trabalho de Saussure está em conceber que “não somos autores/as dos significados que expressamos, apenas nos posicionamos nas regras da língua, sendo ela social” (p. 83-84). Os autores não explicam ou

detalham essa afirmação. Mas nos parece ser uma releitura de Saussure, com uma outra perspectiva de social (no sentido mais amplo). Além disso, parece-nos que a “passividade” do indivíduo diante da língua (que tantas vezes serviu e serve como ponto de ataque a Saussure, a depender do modo como se compreende essa construção) é um lugar de acordo no referido capítulo, por ser “naturalmente” esperado.

Por fim, T2, em certa medida, vai ao encontro do que discutimos e defendemos neste trabalho. Vemos nele algum indício de que, talvez, em algum momento, os estudos dos letramentos e a formação docente na perspectiva da LA possa, de fato, estabelecer algum diálogo mais colaborativo com as teorias saussurianas. Nessa linha, a autora do artigo busca apontar contribuições da Linguística contemporânea para reflexões nos campos da alfabetização e do letramento. Ela sinaliza que Saussure pode estar sendo “mal compreendido”. O motivo é que as leituras das teorias saussurianas têm focalizado construções pontuais e isoladas, enquanto “o cerne do pensamento de Saussure encontra-se disperso em sua obra” (p. 8775). Assim, ao invés de concluir por um sistema de língua fechado, segundo compreensão mais comum, a autora considera que o sistema em Saussure, ou no CLG, é aberto à criatividade, por ser aberto a novas significações, segundo o conceito de valor linguístico, estabelecido pelo linguista genebrino.

Essa mostra de trabalhos, portanto, permite-nos uma breve e curta visão quanto ao lugar de Saussure hoje nos estudos dos letramentos e da formação docente em LA. De fato, a visão tradicional acerca das teorias do autor tem prevalecido e poucas referências que fujam disso parecem revelar-se num levantamento bibliográfico. Essa evidência reforça a hipótese lançada ainda na introdução desta monografia. Com este trabalho, lançamos, então, algum movimento em favor de mudanças de perspectivas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste trabalho, registramos a importância dos estudos relacionados ao campo da LA e seu papel essencial nas mudanças para o campo linguístico e social da educação. Destacamos que, como principal fonte de consagração dessa relação entre o ensino de língua e o social, temos o campo de estudos dos letramentos, o qual consegue mobilizar práticas de linguagem para além do viés escolar, próximas da vida em sociedade. Assim, demos vozes a importantes campos do conhecimento que possuem como base a sociedade e as relações existentes nela, buscando juntamente, relacioná-los com a teoria linguística de Ferdinand Saussure, tido como pai da linguística moderna.

Para que fosse possível realizar tal relação, nós nos apoiamos na busca pelo conceito de social na teoria saussuriana a partir do CLG, de forma a ser essa definição a principal ponte que procuramos construir entre a formação docente, o campo de estudos dos letramentos na LA e a Linguística dita teórica. Como procuramos demonstrar no decorrer deste trabalho, entendemos que Saussure tinha como seu foco maior a busca por definir um objeto científico para a Linguística<sup>18</sup>, de forma que as questões pertinentes aos usos da língua e às relações sociais de fato não recebessem tanto destaque. Entretanto, isso não significou que tais vieses tenham sido negados ou mesmo apagados da obra pela qual Saussure é mais conhecido, o CLG.

A referência ao social no CLG parece assumir dois significados distintos. Um deles, de maior ocorrência, é no sentido de coletividade. Noutras construções, é possível que seja associado ao sentido mais amplo, de valor sociológico propriamente; nesses casos, manifesta relação com as vivências em sociedades, nas quais os indivíduos atuam por meio das práticas de linguagem, principalmente a linguagem verbal.

Assim, vemos que Saussure considera a pertinência e até a relevância do social em sentido mais amplo em algumas situações específicas. Quando:

- estabelece a distinção entre Linguística interna e Linguística externa, definindo seus caminhos e interesses;

---

<sup>18</sup> Ao buscar separar como objeto da ciência linguística a língua como sistema autônomo, Saussure reflete influências do método positivista nas ciências humanas, coerentemente com o fazer ciência da época. Dessa forma, há um esforço por se cumprir com o mito da objetividade e da neutralidade, ao mesmo tempo em que defende uma ordem própria da língua. Isso porque havia uma influência histórica que requeria a demarcação clara de fronteiras entre as áreas científicas (SILVA SOBRINHO, 2013).

- afirma a importância da linguagem para a cultura geral, na vida dos indivíduos e das sociedades;
- constrói o conceito de língua ao longo de todo o CLG, agregando atributos que lhe ampliam o significado;
- determina a relação entre linguagem, língua e fala, de modo que essas duas (assim como a escrita) constituem a primeira, sendo, pois, atravessadas por tudo que caracteriza a própria linguagem;
- marca a interdependência entre a língua (tal qual Saussure a concebe, como sistema) e a fala (uso da língua);
- propõe a teoria do valor linguístico, a qual é possível apenas se considerada a realidade social da língua, ou seja, seus usos efetivos e contextualizados.

Diante desses resultados, também nos dedicamos a investigar como Saussure é referenciado em alguns trabalhos acadêmico-científicos que abordam, conjuntamente, os letramentos e a formação docente em LA. Na mostra que analisamos, embora a presença do linguista genebrino seja principalmente como marco histórico, percebemos alguns poucos, mas importantes indicadores de que é possível um diálogo da LA com as teorias saussurianas, se consideradas algumas releituras do linguista genebrino, leituras estas menos excludentes e binárias. Esse diálogo, acreditamos, pode ser relevante para a formação de professores de línguas nos cursos de Letras, especialmente quando se trata de professores de LP como L1. Também, no contexto dos componentes curriculares que introduzem os estudos linguísticos. Ao considerarem outras leituras de Saussure, que, aliás, já têm ganhado espaço no campo da investigação científica, poderão contribuir com uma visão de língua sempre próxima de seus usos sociais, o que poderá refletir ainda em práticas de ensino-aprendizagem mais significativas.

A respeito do contexto escolar, reforçamos, então, que não são diretamente os conceitos apresentados por Saussure que limitam o ensino de LP. Mas fato é que Saussure foi lido e muitas vezes é ensinado como fundador de uma linguística inflexível e descontextualizada; foi relacionado com conceitos de língua que a distanciam do social tal como o compreendemos hoje, fazendo com que sua interpretação para o ensino de línguas fosse ainda associada a regras gramaticais.

Assim, encerramos, por ora, essa investigação, uma vez que vimos como respondidas as questões de pesquisa propostas. Dessa forma, esperamos ter contribuído para lançar a

“dúvida”, o “questionamento” motivador de pesquisas futuras a respeito do tema, mais amplas e profundas.

## REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Maria Irandé. **Muito além da gramática**: por um ensino sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- ANTUNES, Maria Irandé. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Conselho Federal De Psicologia. Resolução nº. 5/2003, de 14 de junho de 2003. Reconhece a Psicologia Social como especialidade em Psicologia para finalidade de concessão e registro do título de Especialista. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 de junho 2003. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2003\\_5.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2003_5.pdf). Acesso em: 26 maio 2023.
- CARVALHO, Castelar. Saussure e a língua portuguesa. **Matraga**, Rio de Janeiro, v.21, n.34, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/17503>. Acesso em: 2 jun. 2023.
- CAVALCANTI, Marilda C. A propósito de linguística aplicada. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, SP, n. 7, p. 5-12, 1986. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639020>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- COELHO, Micaela Pafume. **Ferdinand de Saussure**: Entre a Língua e as Línguas. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.
- COELHO, Micaela Pafume; HENRIQUES, Stefania Montes. A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo. **Domínios de Lingu@Gem**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 645-663, jan./jun. 2014.
- CONEJO, Cássia Rita. O estruturalismo e o ensino de línguas. **Línguas e Letras**, [s. l.], v. 8, n. 15, 2º sem. 2007, p. 225-242. Disponível em: <https://saber.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/1155/945>. Acesso em: 10 maio 2023.
- ENDRUWEIT, Magali Lopes. A escrita em Saussure. **ReVEL**, Edição especial n. 2, p. 1-28, 2008. Disponível em: [http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel\\_esp\\_2\\_a\\_escrita\\_em\\_saussure.pdf](http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_esp_2_a_escrita_em_saussure.pdf). Acesso em: 2 jun. 2023.
- FREITAS, Henrique Campos; MARRA, Mayra Natanne Alves. Aproximações entre Saussure e Halliday: a teoria da arbitrariedade do signo linguístico. **Revista Trem de Letra**, Alfenas, v. 8, n.11, p. 1-28, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/1392/1035>. Acesso em: 4 jul. 2023.
- GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2011. p. 39-46.

JUSTO, Márcia Adriana Pinto da Silva; RUBIO, Juliana de Alcântara Silveira. Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**, São Roque, v. 4, n. 1, p. 1-17, 2013. Disponível em:

<https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/Marcia.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2023.

KLEIMAN, Angela (org.). **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas-SP: Mercado das Letras, 1995.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na pesquisa qualitativa. Atas CIAIQ2015, **Investigação Qualitativa na Educação**, [s.l.], v. 2, p. 243-247, jul. 2015. Disponível em:

<https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/252/248>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MAGALHÃES, T. G.; CRISTOVÃO, V. L. L. Letramento científico, gêneros textuais e ensino de línguas: uma contribuição na perspectiva do interacionismo sociodiscursivo. **Raído - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD**, [S. l.], v. 12, n. 30, p. 52–72, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/9382>. Acesso em: 2 jun. 2023.

MANGABEIRA, Andréa Burgos de Azevedo. A variação no sistema saussureano da língua. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 42, p. 285-292, jun. 2011. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/26028/15241#:~:text=Tendo%20em%20vista%20que%20Saussure,tamb%C3%A9m%20a%20varia%C3%A7%C3%A3o%20da%20pron%C3%Bancia>. Acesso em: 2 jun. 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O papel da linguística no ensino de línguas. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 18, p. 12-31, jul. 2016. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/5358>. Acesso em: 25 maio 2023.

MOITA LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOLON, Newton Duarte; VIANNA, Rodolfo. O Círculo de Bakhtin e a Linguística Aplicada. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 142-165, jul./dez. 2012.

MORAIS, Artur Gomes de. Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isso tem para a alfabetização? In: MORAIS, Artur Gomes; ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia de; LEAL, Telma Ferraz. **Alfabetização**: apropriação do sistema de escrita alfabética. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 29-46.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes. O lugar da escrita na reflexão saussuriana sobre o objeto da Linguística. **Leitura**, Maceió, v. 1, n. 62, Novo retorno a Saussure, p. 127-151, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/ojs2-somente-consulta/index.php/revistaleitura/article/download/4947/4495>. Acesso em: 2 jun. 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **O que é linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

PENNYCOOK, Alastair. A linguística aplicada nos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNRINI, Inês; CAVALCANTI, Marilda C. (org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998. p. 23-50.

ROCHA, Décio; DAHER, Del Carmen. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? **D.E.L.T.A**, São Paulo, v. 31-1, p. 105-141, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/26377/18921>. Acesso em: 31 mar. 2023.

SANTOS, Maria Eduarda de Oliveira; SANTOS, Eliete Correia dos. O Google Acadêmico como mecanismo de auxílio na construção de trabalhos científicos e correlato ao letramento informacional. In: SEMINÁRIO DE SABERES ARQUIVÍSTICOS, 8., 2017, João Pessoa. **Anais...** Paraíba: UFPB, 2017. p. 307-320.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução, notas e posfácio: Marcos Bagno; apresentação: Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2021.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEVERO, Cristine Gorski. O estudo da linguagem em seu contexto social: um diálogo entre Bakhtin e Labov. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada** [online], [s. l.], v. 25, n. 2, p. 267-283, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502009000200003>. Acesso em: 25 maio 2023.

SILVA, Wagner Rodrigues; MENDES, Jaqueline. Educação Científica na Linguística Aplicada: contribuições para o ensino básico. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 62, p. 158-177, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tla/a/n6jTXqTFq6p7rs3vK9m9YVD/>. Acesso em: 26 maio 2023.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Durkheim e Saussure: dois clássicos e duas ciências na abordagem do fato social. **Revista Investigações**, [s. l.], v. 26, n. 2, julho/2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/395>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SILVEIRA, Eliane Mara. As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2003.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. rev. e ampl., 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento e Alfabetização: As muitas facetas**. Revista Brasileira de Educação, [s. l.], n. 25, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?format=pdf>. Acesso em: 24 maio 2023.

STAWINSKI, Aline Vargas. **À escuta da *langue-parole*: considerações a partir da teoria saussuriana**. 2020. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/217016/001119081.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 maio 2023.

STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004. Tradução de: Michel Lahud e Frateschi Vieira.